



**INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO**

**Cristina Maria Vieira Gonçalves**

# **A Música Popular Folclórica: estratégia de ensino aprendizagem na disciplina de Educação Musical**

**Mestrado em Educação  
Área de Especialização em Educação Artística**

**Trabalho efectuado sob a orientação do  
Professor Doutor Carlos Alberto dos Santos Almeida**

**Fevereiro de 2011**



DEDICO

**Ao Paulo**



## Resumo

A motivação para a realização desta pesquisa decorre da necessidade de diversificar estratégias na abordagem da música tradicional na sala de aula e da dificuldade que os alunos sentem em se identificar com este género de música.

Na presente investigação pretendeu-se verificar a importância que os alunos e Professores que leccionam Educação Musical no Agrupamento de Escolas Gonçalo Sampaio, na Póvoa de Lanhoso, atribuem à Música tradicional nomeadamente o folclore.

Se no passado a música popular portuguesa foi considerada como algo de muito importante ao nível da nossa identidade e raízes, havendo quem dedicasse parte da sua vida à recolha e selecção de canções populares, actualmente esta assume-se como um bem cultural e social que devemos preservar e incentivar.

Como ponto de partida, é feita uma certa evolução histórica da disciplina de Educação Musical, abordando a forma como tem funcionado a Educação Artística em Portugal, nomeadamente a Educação Musical, por essa razão são feitas algumas considerações sobre as funções e implicações sociais da música folclórica, assim como a referência a pedagogos que defendem o uso da música tradicional de cada país.

Trata-se de um estudo de caso, baseado numa metodologia mista, através do qual foram realizadas entrevistas semi-estruturadas aos docentes de Educação Musical e um questionário a quatro turmas do 5º ano (n=91) e quatro de 7º (n=83). Dos resultados obtidos, destacaremos alguns aspectos que pela sua pertinência, contribuem para um melhor entendimento da pesquisa.

Fevereiro de 2011



## Abstract

The motivation for this research derives from the need to diversify strategies in the approach to traditional music in the classroom and from the difficulty students feel to identify themselves with this kind of music.

In the present investigation we intended to verify the importance that students and teachers who teach Musical Education at *Agrupamento de Escolas Gonçalo Sampaio*, in *Póvoa de Lanhoso*, attribute to traditional music such as folklore.

If in the past the Portuguese popular music was regarded as something very important in terms of our identity and roots with those who dedicated part of their lives to the collection and selection of popular songs, nowadays this is assumed as a cultural and social good that we must preserve and encourage.

As a starting point, it's done a brief historical evolution of the subject of Musical Education, broaching the way how Arts Education has functioned in Portugal, in particular the Musical Education, therefore some considerations are made about the social functions and implications of folklore music, as well as the reference to pedagogues who advocate the use of traditional music of each country.

It is a case study, based on a mixed methodology through which were made semi-structured interviews to teachers of Musical Education and a questionnaire to four classes of 5<sup>th</sup> grade (n=91) and four of 7<sup>th</sup> grade (n=83). From the results, we will accentuate some aspects that for its relevance contribute to a better understanding of the research.

February 2011





## Agradecimentos

Este espaço é dedicado a todos aqueles que, de uma forma directa ou indirecta, contribuíram para que esta investigação fosse concretizada. A todos deixo o meu sincero agradecimento.

Ao Professor Doutor Carlos Alberto dos Santos Almeida estou particularmente grata pela preciosa orientação, pela constante e generosa partilha do conhecimento, pelas sugestões, exigência e ponderação. Grata, ainda, por me ter proporcionado a oportunidade de crescimento pessoal e Profissional.

Também àqueles que me acompanharam e apoiaram ao longo dos últimos meses manifesto a minha gratidão.

Ao João Paulo, por tudo, essencialmente pelo incentivo, pelo apoio, pelo silêncio e pela compreensão.

À Teresa Silva, pela amizade e pelo incentivo. À Paula Serra e Elizabeth Gonçalves, amigas de sempre, pelo apoio, amizade, preocupação e todas as ajudas preciosas com a tradução e revisão de textos.

Aos Docentes e Alunos do AEGS que participaram nesta investigação pela sua valiosíssima colaboração.

À Directora do Agrupamento de Escolas Gonçalo Sampaio, Doutora Luísa Maria Monteiro Rodrigues Sousa Dias, e toda a sua equipa de trabalho, pela disponibilidade prestada para que esta investigação se pudesse concretizar. E a todos os meus amigos, muito obrigada pelo calor humano.

Obrigada àqueles que sinto estar a omitir, mas que também contribuíram para a apresentação desta investigação.



# Índice Geral

|   |     |
|---|-----|
| Resumo  | i   |
| Abstract  | iii |
| Agradecimentos  | v   |
| Índice Geral  | 1   |
| Índice dos Gráficos   | 5   |
| Índice das Tabelas  | 7   |
| <br>  |     |
| CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO   | 9   |
| 1.0 - Introdução e Finalidades  | 9   |
| 1.1 - Contexto  | 10  |
| 1.2 - Declaração do Problema  | 11  |
| 1.3 - Objectivos da Investigação  | 12  |
| 1.4 - Questões de Investigação  | 12  |
| 1.5 - Conceitos Chave   | 13  |
| 1.6 - Organização do Estudo   | 13  |
| 1.7 - Sumário   | 13  |
| <br>  |     |
| CAPITULO II – REVISÃO DA LITERATURA   | 15  |
| 2.0 - Introdução e Finalidades  | 15  |
| 2.1- Breve Evolução Histórica da Disciplina de Educação Musical em Portugal | 15  |
| 2.2 - A Educação Artística na Área da Música                                | 17  |
| 2.3 - O Papel da Música na Educação   | 20  |
| 2.4 - Funções e Implicações Sociais da Música Tradicional Portuguesa        | 23  |
| 2.5 - Música Tradicional e a sua Vertente Folclórica                        | 26  |

|  |    |
|--|----|
| 2.6 - Música Folclórica e o Currículo                                  | 29 |
| 2.7 - Abordagens Curriculares/Modelos Pedagógicos                      | 31 |
| 2.8 - Sumário  | 34 |
| <br>   |    |
| CAPÍTULO III – METODOLOGIA DO ESTUDO                                   | 35 |
| 3.0 - Introdução e Finalidades   | 35 |
| 3.1 - Selecção da Metodologia  | 35 |
| 3.2 - Características do Estudo de Caso                                | 37 |
| 3.3 - Vantagens e Desvantagens   | 39 |
| 3.4 - Instrumentos de Recolha de Dados                                 | 40 |
| 3.4.1 - Entrevista   | 41 |
| 3.4.1.1 - Categorias   | 44 |
| 3.4.2 - Questionário   | 47 |
| 3.5 - Plano de Acção   | 48 |
| 3.6 - Localização da Investigação, Definição e Constituição da Amostra | 50 |
| 3.7 - Análise de Dados   | 51 |
| 3.8 - Triangulação   | 51 |
| 3.9 - Questões Éticas  | 52 |
| 3.10 - Sumário   | 53 |
| <br>   |    |
| CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS                            | 55 |
| 4.0 - Introdução e Finalidades   | 55 |
| 4.1 - Exposição dos Resultados dos Questionários                       | 55 |
| 4.1.1 - Caracterização Sócio - Demográfica                             | 57 |
| 4.1.2 - Frequência de Grupo de Folclore                                | 58 |
| 4.2 - Apresentação dos Resultados das Entrevistas                      | 68 |
| 4.3 - Sumário  | 73 |

|   |     |
|---|-----|
| V CAPÍTULO – INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA INVESTIGAÇÃO  | 75  |
| 5.0 - Introdução e Finalidades  | 75  |
| 5.1 - Escolha e Representatividade da Amostra   | 75  |
| 5.2 - Frequência de Grupos de Folclore  | 76  |
| 5.3 - Preferências Musicais   | 79  |
| 5.4 - Abordagem do Folclore na Disciplina de Educação Musical   | 80  |
| 5.5 - Sumário   | 82  |
| <br>  |     |
| VI CAPÍTULO – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES  | 83  |
| 6.0 - Introdução de Finalidades   | 83  |
| 6.1 - Sumário dos Capítulos   | 83  |
| 6.2 - O Papel dos Grupos de Folclore  | 84  |
| 6.3 - O Papel do Professor de Educação Musical  | 86  |
| 6.4 - Valência da Música Popular Folclórica   | 87  |
| 6.5 - Sugestões   | 88  |
| <br>  |     |
| BIBLIOGRAFIA  | 89  |
| <br>  |     |
| ANEXOS  | 95  |
| Anexo 1 - Questionário aos Alunos   | 97  |
| Anexo 2 - Guião da entrevista semi-estruturada feita aos docentes de Educação Musical da Escola E.B. 2,3 Professor Gonçalo Sampaio. | 103 |
| Anexo 3 - Documento de Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação   | 109 |



## Índice dos Gráficos

|  |    |
|--|----|
| Gráfico 1 - Alunos que compõem as turmas de 5 <sup>o</sup> e 7 <sup>o</sup> anos onde foi aplicado o questionário .....                      | 56 |
| Gráfico 2- Alunos por género e idade .....   | 57 |
| Gráfico 3 - Frequência de grupos de folclore .....   | 59 |
| Gráfico 4 - Alunos que gostariam de pertencer a um grupo de folclore .....   | 60 |
| Gráfico 5 - Opinião relativamente à música tradicional da região.....  | 61 |
| Gráfico 6 - Hábitos de assistência de actuações de folclore.....   | 61 |
| Gráfico 7 - Atribuição da importância em pertencer a um grupo de folclore.....   | 62 |
| Gráfico 8 - Género de música preferido.....  | 62 |
| Gráfico 9 - Mais alegre e ritmada.....   | 63 |
| Gráfico 10 - Soa melhor e vai de encontro aos meus gostos .....  | 64 |
| Gráfico 11 - Faz-me sentir bem .....   | 64 |
| Gráfico 12 - Faz-me perceber melhor a cultura do meu país.....   | 65 |
| Gráfico 13 - Número de vezes que abordaram a música folclórica popular no ano lectivo anterior.....  | 65 |
| Gráfico 14 - Vantagens de pertencer a um grupo de folclore .....   | 67 |
| Gráfico 15 - Desvantagens de pertencer a um grupo de folclore .....  | 67 |
| Gráfico 16 - Opinião sobre a necessidade de abordar com maior frequência a música tradicional e folclórica na aula de Educação Musical ..... | 68 |





## Índice das Tabelas

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1 – Temas e Objectivos da Entrevista .....   | 42 |
| Tabela 2- Distribuição da amostra por idades .....  | 56 |
| Tabela 3 - Distribuição da amostra pelas freguesias do AEGS .....   | 58 |
| Tabela 4 – Género, tempo de permanência, forma como integraram o grupo e existência de familiares directos em Agrupamentos de Folclore .....      | 59 |
| Tabela 5 - Categoria I – Expectativas e opiniões dos entrevistados quanto ao currículo .....  | 68 |
| Tabela 6 - Categoria II – Opiniões dos entrevistados quanto à abordagem da música tradicional portuguesa/Folclore. ....                           | 69 |
| Tabela 7- Categoria III – Opiniões dos entrevistados quanto à planificação das aulas. ....  | 69 |
| Tabela 8- Categoria IV – Opiniões dos entrevistados quanto à frequência de grupos de folclore por parte dos alunos e implicações educativas. .... | 70 |
| Tabela 9- Categoria V – Implicações da abordagem da música popular/folclórica na vida social e cultural dos alunos. ....                          | 70 |
| Tabela 10- Categoria VI - Hábitos de audição dos docentes.....  | 71 |
| Tabela 11 - Análise quantitativa do conteúdo das entrevistas .....  | 72 |



## CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

### 1.0 - Introdução e Finalidades

O título deste estudo - *A música Popular Folclórica: Estratégia de ensino aprendizagem na disciplina de Educação Musical* – está relacionado com a Educação Artística, nomeadamente a área de Educação Musical.

Esta temática desperta-me interesse e motivação, pois desde 2002 que me encontro a leccionar no Agrupamento de Escolas Gonçalo Sampaio (AEGS), e venho constatando que este Concelho é bastante rico ao nível da preservação da nossa identidade e raízes, nomeadamente a existência de vários Agrupamentos de Folclore. De acordo com dados fornecidos pela Vice-Presidente da Câmara da Póvoa de Lanhoso, Doutora Gabriela Fonseca, neste momento encontram-se em actividade sete Agrupamentos de Folclore no Concelho.

No AEGS a abertura à comunidade é bastante notável. Sendo a Música Popular Folclórica abordada nos Agrupamentos de Folclore, torna-se necessário entender a importância que lhe é dada pelos alunos e Professores de Educação Musical que leccionam esta disciplina no Agrupamento de Escolas. Uma vez que o manual escolar adoptado (100% Música) não contempla este género musical, como é que os docentes procedem a esta abordagem e qual a importância que lhe atribuem? Face a esta situação, sentiu-se necessidade de investigar, pois podemos correr o risco de perder no tempo a nossa identidade/raízes e, estando a escola colocada ao serviço da população, tem a seu cargo a função de responder aos seus anseios e motivações. Cabe à escola manter presente a identidade/raízes de um povo e preservar a Música Popular, que nem sempre é *avaliada justamente como um dos mais preciosos bens do património comum* (Giacometti, 1981, p. 5).

Ao longo da nossa prática pedagógica, vamo-nos apercebendo que a disciplina de Educação Musical se torna mais agradável para os alunos quando todo o processo de ensino aprendizagem se apoia nas suas vivências diárias, assim como nos conhecimentos que estes possuem, e não somente nos manuais escolares, pois parte deles não contempla a Música Popular Folclórica, como refere Martins (2004). Quando em contexto de sala de aula são abordados temas do conhecimento dos alunos ou que fazem parte das suas aprendizagens adquiridas fora da escola, na família, ou nos grupos que frequentam, estas não podem ser desvalorizadas. As pessoas aprendem ao longo da sua vida, no seio da comunidade a que pertencem, e esse conhecimento contribui para a formação da criança enquanto indivíduo.

Verificar o contributo da Educação Musical e o papel que a Música Popular Folclórica assume na vida dos alunos deste Agrupamento de Escolas, norteou esta investigação. Não pretendendo de forma alguma julgar ou avaliar os docentes, mas simplesmente apurar o seu contributo através de um estudo de caso.

## **1.1 - Contexto**

Este estudo foi realizado no AEGS, que se situa no Concelho da Póvoa de Lanhoso. É um Concelho com uma área de 132,5 Km<sup>2</sup>, distribuída por 29 Freguesias, com uma densidade populacional de 182,4 habitantes por Km<sup>2</sup> (dados referentes a 2007). Segundo os Censos de 2001, tem uma população residente de 22.772 habitantes, sendo que cerca de 20% da população (4602) reside na sede do Concelho. Localizado nas bacias do Ave e do Cávado e das Serras da Cabreira, a nascente, e do Carvalho, a poente, o Concelho da Póvoa de Lanhoso faz fronteira com os Concelhos de Amares, Braga, Guimarães, Fafe e Vieira do Minho.

De um Concelho tradicionalmente agrícola, como foi considerado, a Póvoa de Lanhoso tem vindo a ver diminuir gradualmente o número dos que se dedicam a esta actividade, considerada hoje como complementar. Hoje, a indústria artesanal de ourivesaria é a que mais expressão atinge, situando-se nas freguesias de Sobradelo da Goma, Taíde e

Travassos, contribuindo para que a Póvoa de Lanhoso seja uma terra de elevado potencial para a elaboração de peças de design, considerados museus vivos de ourivesaria.

Ao nível do ensino público, a Póvoa de Lanhoso oferece todos os graus de ensino, desde o pré-escolar até ao 12º ano. No que respeita ao ensino privado, é de salientar a criação da Escola Profissional do Alto Ave, em 1995, que tem como objectivo oferecer aos jovens do Concelho e redondezas, uma alternativa ao percurso escolar normal. Mais recentemente, em 2002, surgiu na Póvoa de Lanhoso, o Instituto do Alto Ave (ISAVE) com cursos ligados à área da saúde. Ao nível do 2º e 3º ciclos, tem duas escolas, a E.B.2,3 Professor Gonçalo Sampaio que recebe alunos provenientes de 21 freguesias do Concelho e a E.B. 2,3 de Taíde que recebe alunos provenientes de 8 freguesias.

Apesar de esta investigação ser direccionada a 91 alunos de 5º ano e 83 alunos do 7º ano, é de referir que na E.B. 2,3 Professor Gonçalo Sampaio, no terceiro ciclo, a disciplina de Educação Musical funciona em desdobramento com Educação Tecnológica, pois de acordo com o Decreto-Lei 6/2001, está integrada num quadro de actividades de enriquecimento, pertencente ao domínio artístico e aparece como uma disciplina de *natureza eminentemente lúdica e cultural*, (...) que se propõe a estabelecer (...) *ligação da escola com o meio* (...) (DEC-LEI 6/2001, Artº 9º).

## **1.2 - Declaração do Problema**

Todo o conhecimento nos permite dominar melhor o meio onde nos inserimos e a nossa vida, ajudando-nos a conseguir os objectivos que nos propomos atingir como seres humanos. Sousa (2005) refere que *a experiência prática obtida através do ensaio-e-erro, o raciocínio lógico com que analisa mentalmente as situações vivenciadas e a investigação, a procura do desconhecido, têm sido os principais meios utilizados pelo homem para procurar a informação de que necessita para alargar os seus conhecimentos* (p.11). A investigação é, então, a actividade de procura e obtenção de respostas para as questões que nos ajudam a formar o nosso conhecimento.

Nesse sentido, surge a vontade e o desejo de conhecer, averiguar e compreender a importância dada pelos alunos e Professores de Educação Musical do AEGS à Música

Popular Folclórica, com vista ao enriquecimento do nosso próprio conhecimento e da sociedade.

O folclore faz parte do nosso património, e está contemplado no Currículo Nacional do Ensino Básico como experiência de aprendizagem, onde se deve *promover a valorização do património artístico e cultural nacional, regional e local de uma forma activa e interventiva* (Ministério da Educação, 2001, p.151). Sendo o Concelho da Póvoa de Lanhoso detentor de um historial de folclore, e fazendo o mesmo parte do Currículo, torna-se necessário e urgente reflectir sobre o que está a ser feito neste Agrupamento de Escolas, nomeadamente na disciplina de Educação Musical sobre esta matéria. Estando a escola aberta à comunidade, poderemos criar uma aliança que favoreça a formação do aluno e que contribua para a preservação do Folclore como identidade/raiz de um povo.

### **1.3 - Objectivos da Investigação**

Com o objectivo de investigar a importância que a Música Popular Folclórica assume nos alunos que frequentam o AEGS, assim como a dos Professores que leccionam Educação Musical, utilizei a metodologia mista, desenvolvida num estudo de caso através da qual formulei os seguintes objectivos da investigação:

- a) Verificar a importância da Música Popular Folclórica na vida dos alunos que frequentam o Agrupamento;
- b) Conhecer a importância que é dada à Música Popular Folclórica, pelos docentes que leccionam no Agrupamento, Educação Musical;

### **1.4 - Questões de Investigação**

Ao nível da investigação Sampieri, Collado e Lúcio (2006) referem que as questões devem resumir o que será a pesquisa e orientar-nos para as respostas pretendidas. Assim, para o desenvolvimento desta investigação são apresentadas as seguintes questões:

- a) Que contributo pode dar a música folclórica na formação do aluno na escolaridade obrigatória?
- b) Como é abordada a música Popular Folclórica pelos Professores de Educação Musical?

### **1.5 - Conceitos Chave**

São conceitos chave deste estudo:

Folclore; Musica Popular; Currículo e Educação Musical.

### **1.6 - Organização do Estudo**

Este estudo está estruturado em seis capítulos. Encontrado o problema, foi feita a revisão da literatura sobre a temática e traçada a metodologia aplicada neste estudo de caso. Seguidamente, procede-se à apresentação e ao tratamento de dados com base nos instrumentos de recolha dos mesmos. Por fim, reflecte-se sobre todo o trabalho de investigação, apresentando as conclusões e possíveis recomendações.

### **1.7 - Sumário**

Este capítulo contextualiza o tema da pesquisa, dando-nos a conhecer o meio onde a mesma é desenvolvida. São apresentadas as questões e objectivos que nortearam toda a pesquisa, assim como as palavras-chave e a organização do estudo.





## **CAPITULO II – REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.0 - Introdução e Finalidades**

O presente capítulo tem como finalidade fazer uma abordagem ao papel que a Música Popular Folclórica desempenha na vida das crianças, ao mesmo tempo que desenvolve a sua criatividade, promove a autodisciplina e desperta a consciência rítmica e estética. A disciplina de Educação Musical cria também um terreno favorável para a imaginação quando desperta as faculdades criadoras de cada ser. A educação pela música proporciona uma educação mais abrangente.

### **2.1- Breve Evolução Histórica da Disciplina de Educação Musical em Portugal**

Até meados do século XX, o ensino da música em Portugal cingia-se às escolas particulares e aos conservatórios de música. A disciplina de Educação Musical surgiu em 1968, através do Decreto-Lei nº 48572 de 9 de Setembro, quando a música começou a ser obrigatória no 5º e 6º anos, o chamado ciclo preparatório, com um programa regulamentado. Até então, a disciplina intitulava-se Canto Coral. Nesta reforma, para além do 5º e 6º anos, a música também foi inserida no programa do 1º ciclo, embora não sendo leccionada por Professores especializados. De salientar que a disciplina de Canto Coral não foi abolida do currículo, uma vez que continuou a funcionar como disciplina de opção no 9º ano de escolaridade.

Em 1973, com a Lei nº 5 de 25 de Julho, foram publicadas as Bases da Reforma do Sistema Educativo que deram origem à reforma designada por Veiga Simão. Mais tarde, em 1986, com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo, onde se encontra inserida a Educação Artística Genérica, é introduzido um novo conceito de Educação Básica, a

continuidade entre os vários ciclos. Com a publicação do Decreto-Lei nº 286/89, de 29 de Agosto, é regulamentado o plano curricular do Ensino Básico. No entanto, a aprovação dos programas só se deu em 1990 com a publicação do Despacho nº 139/80, de 16 de Agosto, que foi publicado, somente, no Diário da República nº 202, II Série, de 1 de Setembro. Os planos de organização do ensino aprendizagem foram publicados no Diário República nº 188, II Série de 17 de Agosto.

Em 1990, com a publicação do Decreto-lei 344/90, a Educação Musical no 2º ciclo, insere-se no período de carácter obrigatório, destinado a *todos os cidadãos, independentemente das suas aptidões ou talentos específicos, sendo considerada parte integrante da educação geral* (D.L, nº 344/99, artº 3º de 2 de Novembro). Na prática, este é o período mais importante na Educação Musical, pois é o único período obrigatório e gratuito, e leccionado por um Professor especializado.

Apesar de esta área estar prevista como componente obrigatória do currículo ao nível dos 1º e 2º ciclos do Ensino Básico, e como área de opção no 3º ciclo, só se verifica a sua total cobertura no país ao nível do 2º ciclo.

*(...) a inexistência de uma cobertura da Expressão Musical no 1º ciclo do Ensino Básico em todo o país e o reduzido número de escolas com opção de Educação Musical no 3º ciclo do Ensino Básico, transforma o 2º ciclo numa espécie de tábua de salvação da Música no Ensino Regular, a braços com um programa extremamente ambicioso que, por pretender tudo fazer, acaba por constituir uma espécie de saco sem fundo, onde tudo se pode fazer (Castro, 2000. p.17).*

O programa do 1º ciclo contempla a Área de Expressão e Educação Musical, mas, até há bem pouco tempo, a mesma era abordada por Professores generalistas. Mais recentemente, com a publicação do Despacho nº 12591/2006 (2ª série), a Expressão Musical no 1º ciclo do Ensino Básico passou a ser ministrada como Actividade de Enriquecimento Curricular, embora a sua frequência não seja de carácter obrigatório. Também o perfil do Professor foi merecedor de alguma atenção, como se pode verificar no artigo 16º onde é traçado o seu perfil, dando algum ênfase às habilitações consideradas necessárias para a docência da disciplina.

Por ser de carácter facultativo, a adesão dos alunos às Actividades de Enriquecimento Curricular não foi a desejada, tendo sido publicado o despacho nº 14460/2008, com a finalidade de atribuir uma maior responsabilização aos pais e também às

autarquias, no que concerne à frequência destas actividades por parte dos alunos. É de salientar o facto de, ultimamente, o novo sistema de formação de Professores do Ensino Básico, perante algumas lacunas que existiam, permitir uma maior formação e especialização nesta área.

Peery (1987) defende que a música faz parte integral do ser humano, tornando-se necessário reflectir sobre o papel que a Educação Musical desempenha no desenvolvimento da criança. Ainda de acordo com este autor, a música pode dividir-se em dois aspectos essenciais. Primeiro, a música é importante pelo seu valor intrínseco, faz parte da natureza humana e por isso deve ser ensinada. Segundo, promove o desenvolvimento de competências sociais e pessoais.

## **2.2 - A Educação Artística na Área da Música**

A Educação Artística processa-se em Portugal desde há várias décadas, de forma reconhecidamente insuficiente, incompatível com a situação vigorante na maioria dos países europeus. Gandra (2006) refere que *parece claro que muitas vezes se procura valorizar a E.A. através dos seus efeitos educativos, especialmente nos campos da socialização e da aquisição de competências produtivas (s/p)*. As práticas artísticas desenvolvem na criança a expressão de sentimentos, emoções, contribuindo para a sua afirmação individual. Ao mesmo tempo, ajudam a desenvolver o pensamento crítico e a autoconfiança.

A Lei de Bases do Sistema Educativo, onde se insere a Educação Artística Genérica foi publicada em 1986, introduzindo um novo conceito de Educação Básica: a continuidade entre os ciclos. O governo, no Decreto-Lei nº 344/90 refere que tem consciência de que a Educação Artística é parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa.

A Educação Artística tem como objectivos *estimular e desenvolver as diferentes formas de comunicação e expressão artística, bem como a imaginação criativa, integrando-as de forma a assegurar um desenvolvimento sensorial, motor e afectivo equilibrado* (Art. 2º do Decreto-Lei 344/90). Como podemos verificar no artigo, este refere-se à formação global da pessoa humana. Perante isto, temos que adoptar uma política de ensino de tal forma

orientada, de modo a que a perfeição das artes aumente a felicidade da generalidade dos cidadãos e do bem-estar daqueles que a estão a cultivar. No mesmo Decreto-Lei, pode ler-se que a Educação Artística em Portugal *não mais se compadece com medidas pontuais ou remédios sectoriais* (Art. 1º). Torna-se necessário efectuar uma reestruturação completa de todo o sistema articulado, cujas áreas contempladas serão a música, dança, teatro, cinema, áudio visual e as artes plásticas, referindo ainda que a Educação Artística em Portugal está contemplada nas suas múltiplas vertentes: genérica, vocacional, em modalidades especiais e extra-escolares.

A Educação Artística pode influenciar a forma como se aprende, comunica e interpretam os sinais no dia-a-dia, contribuindo para o desenvolvimento de diferentes competências, reflectindo-se na forma como se pensa, no que se pensa, e no que se produz com o pensamento. O Currículo Nacional do Ensino Básico (2001) refere que as artes contribuem para a formação da identidade pessoal e social, permitindo a participação em desafios colectivos e pessoais. Refere, ainda, que *exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida* (Ministério da Educação, 2001, p.149).

Relativamente ao contributo da Educação Artística na formação do indivíduo, as crianças que têm acesso a uma boa educação pela arte, são mais tolerantes, conseguem usar melhor o pensamento, são mais cuidadosos e desenvolvem melhor as capacidades inter e intra pessoais. Eça refere ainda que os alunos com uma boa Educação Artística *são mais abertos à mudança, não têm medo de arriscar e são mais críticos do que alunos que não tiveram acesso a programas de educação artística* (Eça, 2003, p.8). Perante tal afirmação, torna-se evidente o papel das artes e da Educação Artística no desenvolvimento do indivíduo. Torna-se necessário pensar nas artes como disciplina transdisciplinar, com um contributo bastante positivo ao nível da cidadania e da educação de valores, quebrando as barreiras disciplinares, mas sem que estas percam a sua especificidade.

A música é um elemento fundamental onde as capacidades de expressão e comunicação, de imaginação criativa e actividade lúdica podem ser desenvolvidas, com vista a favorecer o sentido de participação e integração da criança. Por outro lado, também contribui para o desenvolvimento de várias capacidades, *ao mesmo tempo que proporciona aos alunos experiências que favorecem atitudes e hábitos de relação e cooperação, de responsabilidade e solidariedade* (Cabral, 1988, p.15).

O art. 43º do Decreto-Lei 344/90 refere que no prazo de dois anos *a partir da entrada em vigor do presente diploma serão publicados diplomas que desenvolverão e regulamentarão as diversas áreas da educação artística.*

O prazo estipulado (dois anos) para a regulamentação das várias áreas de Educação Artística não foi cumprido. Já em 1992, havia sido publicado o Parecer nº1/92 onde se pode ler: *reconhece-se que a situação actual no ensino da música vem padecendo, no que respeita a quadro legal, de insofismáveis desajustamentos, resultantes da coexistência, ainda, de planos de estudo que se reclamam de três distintas reformas, duas delas incompletamente implementadas.* Santos (1996) refere que a Educação Artística genérica *constitui um todo desarticulado intermitente ao longo de todo o percurso de educação básica, incluindo nesta a própria educação infantil* (p.15), que como se pode imaginar, é de grande importância, atendendo a que é nos primeiros anos de escolaridade que se afirmam e exercitam as potencialidades individuais artísticas do ser humano.

Os Professores desta área de ensino, durante vários anos foram colocados de parte, quase que esquecidos. De acordo com o Ministério da Educação (2001), um dos objectivos da Educação Musical é *promover a valorização do património artístico e cultural nacional, regional e local de uma forma activa e interventiva* (p.151). Ainda no mesmo documento, é referido que a música *é um elemento importante na construção de outros olhares e sentidos em relação ao saber e às competências, sempre individuais e transitórias, porque se situa entre pólos aparentemente opostos e contraditórios* (p.165).

Ao nível das competências essenciais da disciplina de Educação Musical no 2º CEB, as mesmas estão divididas em Competências Gerais e Competências Específicas. As Competências Específicas a desenvolver em Educação Musical são apresentadas em torno de quatro grandes organizadores: a Interpretação e comunicação; a Criação e experimentação; a Percepção sonora e musical; Culturas musicais nos contextos. As competências específicas propostas, e a desenvolver na área da Música, *constroem-se de forma a potenciar, através da prática artística, a compreensão e as interpretações entre a música na escola, na sala de aula e as músicas presentes nos quotidianos dos alunos e das comunidades* (p.165). No entanto, é importante referir que as aprendizagens conducentes à construção de qualquer uma das competências específicas se devem basear em acções provenientes dos três grandes domínios da prática musical: Composição, Audição e Interpretação.

A educação através da música proporciona uma educação Profunda e global. A escola enquanto espaço institucional é considerada o local para a transmissão de conhecimentos socialmente construídos, podendo-se ocupar na promoção e aproximação das crianças com outras propriedades da música, que não as reconhecidas por elas na sua relação espontânea com a mesma.

### **2.3 - O Papel da Música na Educação**

Uma das funções importantes da escola é preparar os alunos para o futuro, não descurando as suas responsabilidades. A música pode contribuir para que esta função seja encarada de uma forma mais alegre e favorável à aprendizagem, pois *propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente* (Snyderes, 1992, p. 14).

A música pode e deve ser estudada como fazendo parte de uma linguagem artística, uma forma de expressão e como um bem que faz parte da cultura dos povos. Diariamente, na sala de aula, cruzamo-nos com crianças cujos interesses e habilidades diferem, assim como a sua forma de aprender. Cada aluno tem a sua forma de reagir a experiências e actividades desenvolvidas na sala de aula, estimulando as diferentes formas de inteligências. No entanto, a escola ainda tem um grande caminho a percorrer no que diz respeito a este assunto.

Para além dos interesses e habilidades, o factor cultural também é bastante importante, pois a cultura onde a criança se insere, exerce uma enorme influência sobre o seu desenvolvimento. *A cultura exerce um papel preponderante, da alimentação ao modo de vestir, da língua falada aos comportamentos* (Ilari, 2003, p.10). Guerra (2002) defende que *o objectivo da educação consiste em fazer da cultura um recurso e não uma causa determinante* (p.18).

A cultura não começa nem acaba na escola. Neste meio, existem vários Agrupamentos de Folclore, onde as crianças podem adquirir e usufruir de uma riqueza variada, que vai desde o relembrar a sua história e tradições ao fazer e ouvir música. Silva

(1995) refere que no Concelho da Póvoa de Lanhoso, o primeiro Agrupamento de Folclore surgiu em 1979. Em algumas situações, há agregados familiares completos (pais, filhos e netos) que fazem parte destes Agrupamentos.

Para além de Agrupamentos de Folclore, existe outro tipo de associações no Concelho. A Associação Cultural da Juventude Povoense que foi criada, tendo por base a *tradição que cada um dos jovens fundadores da associação (...) herdou no seio das respectivas famílias e no meio cultural em que se movimentava* (Silva, 1995, p.26). Diariamente, as crianças recebem valores culturais que lhes são transmitidos pela família. É aqui que começa a cultura da criança, que não pode de forma alguma ser esquecida no processo de ensino aprendizagem.

*A escola só é casa de vida se for casa de cultura* (Patrício, 1993, p.71). A escola deve rentabilizar todos os recursos, físicos e humanos que tem ao seu dispor no meio onde está inserida. Estes são um veículo importante na transmissão e preservação do património cultural. Quando as crianças convivem de perto com as suas memórias e tradições, não sentem “um choque” ao fazer essa abordagem na escola, pois, já estão familiarizadas com o tema. O propósito da escola *deveria ser o de desenvolver as inteligências e ajudar as pessoas a atingirem objectivos de ocupação e passatempos adequados ao seu espectro particular de inteligências* (Gardner, 1995, p.16).

Dentro das inteligências múltiplas, é necessário ter consciência que *a experiência de vida de cada um de nós, aliada ao Bom Senso, imprescindível em todas as situações do nosso quotidiano e no nosso trabalho de educadores e Professores, é tão fiável como qualquer teoria elaborada sobre estes assuntos* (Coquet, 2006, p.11). Na abordagem da Música Popular Folclórica, e uma vez que muitos dos manuais não a contemplam, podemos aproveitar a experiência de alguns alunos ou mesmo dos Professores para proceder a essa abordagem.

Com a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86 de 14 de Outubro), assistimos a um período importante da Educação Artística em Portugal. *Pela primeira vez em Portugal, é oficialmente aceite de modo claro e inequívoco, que a Arte é um factor importante na formação integral da pessoa, devendo por isso fazer parte integrante do sistema educativo* (Sousa, 2003, p.31). O folclore é considerado uma arte, pois engloba várias áreas do saber e como tal contribui para a formação do indivíduo como cidadão, não só ao nível musical, mas também cultural. Actualmente, acredita-se que a música ao

desenvolver a audição, a *performance* e as competências ligadas à apreciação, contribui de forma positiva para aumentar o desenvolvimento social, afectivo, cognitivo e físico do aluno, ou seja, *a música consegue desenvolver a criança no seu todo* (idem, p.3).

A música, assim como as outras artes, *perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive* (Ministério da Educação, 2001, p.149). Este mesmo documento prevê que o espaço dedicado às artes deve ser um espaço favorecido para a convivência dos alunos com experiências artísticas diversas, estabelecendo contudo linhas orientadoras para o desenvolvimento da literacia em artes.

Sendo tão diversificado o papel da Educação Musical na construção da criança enquanto ser humano, e tendo esta acesso à música somente no 2º CEB, irá a criança usufruir de todas as mais-valias que a mesma lhe pode proporcionar? De facto, *no currículo escolar, nenhuma outra disciplina pode substituir a Educação Musical, enquanto promotora da experiência e do desenvolvimento musicais* (Palheiros, 1993, p.68). Também hoje, *a educação musical ultrapassa largamente as fronteiras da sala de aula* (Ibidem, p.6), sendo esta também uma das principais actividades de lazer das crianças e que em muito contribui para o seu desenvolvimento. As actividades de lazer de algumas crianças estão ligadas a Agrupamentos de Folclore, onde, para além da componente musical, também podem desenvolver a afectividade e sociabilidade.

Paynter (1995) defende que *o Professor deve ponderar cuidadosamente sobre o que deve ser ensinado e sobre a forma de o fazer (...) desconfio das metodologias porque acredito que os métodos de ensino devem ser pessoais* (idem, p.4). Esta afirmação não se limita à disciplina de Educação Musical. Ela é dirigida aos Professores em geral, pois o Professor não é apenas um transmissor de conhecimentos, não tem a função única de desenvolver a inteligência, mas tem sobretudo a responsabilidade de educar. Ao nível da música Popular Folclórica, não há uma simples metodologia a seguir. Cada um, utiliza a metodologia mais adequada ao grupo de alunos que tem perante si e recorre a materiais diversificados com vista a motivar as crianças de um modo mais apelativo.

Celso Antunes (2004) defende que *o papel da escola, entretanto, renova-se com estudos e descobertas sobre o comportamento cerebral e, nesse contexto, a nova escola é a que assume o papel de central estimuladora de inteligências* (p. 11). Tendo como função a estimulação das inteligências, a criança não necessita da escola simplesmente para



aprender, mas para “aprender a aprender”. Um dos principais relevos é o contexto cultural das inteligências múltiplas que aponta para o facto de cada cultura tender a enfatizar inteligências particulares. *Uma vez que a escola desempenha um papel tão central na nossa cultura, é importante examinar essas inteligências e habilidades necessárias para que os alunos sobrevivam e tenham sucesso no sistema* (Gardner, 1995, p.107). Esta concepção de inteligência coloca grandes responsabilidades na escola sobretudo sobre os educadores e Professores, criando experiências de aprendizagem diversificadas, que no caso da música podem ser desenvolvidas através da introdução do folclore, com vista a valorizar o património. *Em suma, cada um olha, aprecia e compreende a música da forma que mais lhe interessa* (Scroeder, 2004, p.9).

A arte tornou-se uma das áreas mais importantes, para levar os alunos a compreender os valores culturais e as fontes sociais de poder. *A educação artística e estética das nossas crianças e jovens não é possível sem uma educação cultural equilibrada, que lhes permita olhar aquilo que os rodeia de uma maneira esclarecida* (Coquet, 2004, p.1).

## **2.4 - Funções e Implicações Sociais da Música Tradicional Portuguesa**

No século XX, foram publicados alguns cancionários, com o objectivo de documentar e preservar a música tradicional. Ao nível regional, figuram Jaime Lopes Dias (1937), Gonçalo Sampaio (1940), Virgílio Pereira (1950,1957,1959), António Marvão (1955), António Mourinho (1984), e José Alberto Sardinha (2000). Com cobertura nacional, figuram Armando Leça (1922, 1942), Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça (1981).

Sabemos que Portugal é um país em mudança constante e a forma como é vivida e aceite a música tradicional portuguesa também está a sofrer algumas alterações. Sobre este assunto, Sardo (1988) refere que *os grupos folclóricos são normalmente referidos como detentores e transmissores da nossa música e dança tradicionais* (p.58). No entanto, actualmente, a escola também pode dar o seu contributo na transmissão e valorização da nossa música tradicional e da dança, não se sobrepondo ao papel fundamental que os Agrupamentos de Folclore desempenham.

Silva (1994) defende que é no equilíbrio de registos históricos e sociais que a identidade social se fundamenta. Para o autor, a mudança social deve ser entendida como uma renovação de tradições. A mudança não significa mais que renovações, aquisições e reconstruções das tradições. Castelo Branco & Branco (2003) referem que *com o folclore, as pessoas aprenderam a ouvir e a ver as cantigas e as danças executadas nos estrados* (p.20), no entanto, e porque os recursos existentes muitas vezes não são os melhores, vamo-nos habituando a assistir a actuações de folclore sem palco, como é o caso do “Arraial Minhoto”, que tem lugar no AEGS.

Lopes-Graça (1991) mostra-se preocupado com a influência do disco, da rádio, da televisão e do reportório chamado ligeiro, que *penetram nos mais recuados cantos das nossas províncias* (p.17), contribuindo desta forma para o desaparecimento do folclore como realidade viva. Para o autor, a recolha e o estudo sistemático da nossa canção popular é uma tarefa a realizar com alguma urgência, pois

*(...)ela é realmente a crónica viva e expressiva da vida do povo português – quer dizer: da vida rústica do povo português, visto que por uma canção popular portuguesa se deve entender, antes de tudo, a nossa canção rústica. Com efeito, só as populações dos campos, serras e aldeias de Portugal são depositárias de um tesouro inexaurível de melodias, que, na sua pureza, na sua frescura, na sua autenticidade étnica, na variedade e naturalidade das suas formas, nas suas surpreendentes características estéticas, enfim (a que não falta, como se tem suposto e afirmado, a Profundeza, a gravidade, o alor da altura), têm jus a ser consideradas como espelhando inequivocamente a nossa psique (Lopes-Graça, 1991, p.21).*

Com o folclore, instituiu-se uma forma de produção cultural na sociedade e como afirma Castelo Branco & Branco (2003) contribuiu para a *integração política das populações rurais da nação* (p.20).

O interesse pelo estudo da cultura tradicional europeia, teve o seu início na Alemanha, designado genericamente por *volkskunde* e que, de acordo com Dias (1990), *abrange todas as manifestações de cultura tradicional sem excluir a cultura material e a tecnologia, embora dê mais ênfase à cultura espiritual* (p. 75). Para Sousa & Neto (2003) *a música tradicional portuguesa compreende toda a música popular tradicional, que fazendo parte do património musical português, foi sendo pesquisada ao longo do tempo, ao longo da nossa história* (p.68). Neste género musical, a essência e a cultura do nosso povo estão implícitas, pelo que é nosso dever mantê-las vivas e preservá-las.

Como já referido, diferentes musicólogos e investigadores do folclore, têm vindo a recolher, desde o início do século passado, canções tradicionais portuguesas, pois prevêem o seu desaparecimento da memória colectiva ou a sua alteração. Algumas melodias são de fácil leitura, outras, como dizia Lopes-Graça (1989)

*(...) não são nada coisas simples e ingénuas, mas belíssimas melodias, largamente elaboradas, de um equilíbrio plástico perfeito, de uma ampla «respiração», e carregadas de um potencial ora dramático, ora patético, ora simplesmente lírico, que faz delas pequenas maravilhas de expressão e musicalidade (p.142).*

Portugal, na década de 80, integrou-se na União Europeia, começando nesta altura, de certa forma, a formar-se o espectro da perda da identidade nacional. As ameaças de transformações na vida tradicional implicariam novas abordagens do folclore. Com esta integração, o recurso ao folclore *funcionará cada vez mais como uma forma de manutenção da identidade cultural própria, por oposição à globalização provocada pelos mass média, reafirmando as diferenças locais* (Filho, 2004, p. 61). Contudo, o folclore e as suas definições, enquanto parte das ciências humanas, tem acompanhado os desenvolvimentos da própria sociedade e é cada vez mais uma estratégia cultural ao serviço das populações.

Torres (1998) refere que a cultura de um povo *engloba todo um património assente em valores humanos e sociais, sendo marcada por ritos Profanos e religiosos que vão desde a vida à morte das pessoas, determinando e definindo essas sociedades* (p.22). Para a autora, as canções tradicionais *são uma fonte informativa que reúne o cerne da individualidade de uma cultura e que faz a ligação entre o presente e o passado. Elas falam da natureza, do amor e da morte, das relações familiares e sociais* (p.22).

As modernas correntes dos estudos folclóricos negam a incomunicabilidade dos produtos de arte popular dos diferentes países entre si e sustentam uma incessante permuta de influências entre uns e outros, e mesmo entre a arte popular e erudita.

É necessário seduzir os adolescentes e jovens para algo que lhes toque, ou com o qual se identifiquem - a região, o povo – e que os motive para a música como arte. Esta, na sala de aula, ou no espaço escolar, começa pelo simples e tradicional, permitindo que o aluno crie e domine a música, até onde a sua ousadia o permitir. A criança, desde cedo, deve ser habituada a conviver com a nossa canção popular, pois, assim, adquire um vasto reportório que ao longo da vida vai sendo enriquecido e se torna *num tesouro de alegrias e*

*de estímulos que, a todas as horas e em todas as ocasiões, no lar, na escola, nos ofícios, em reuniões e festas, os identificariam consigo mesmo e com a terra-mãe* (Lopes-Graça, 1991, p.52).

Em todas as épocas da história, o homem manifestou a necessidade de preservar a sua própria «história», necessidade ligada a todo o cidadão que esteja ligado à sua própria cultura. Para isso, os grupos folclóricos podem dar o seu contributo, pois *têm um papel importantíssimo numa sociedade que se vai descobrindo e construindo a cada dia* (Portugal, 2004, p 7).

É comum verificar que a música popular está intimamente ligada aos trabalhos do dia-a-dia do povo e que em muitas aldeias do nosso país ainda é praticada diariamente, embora pelas pessoas mais idosas. Uma vez que são estas as pessoas que a praticam, a música popular tem tendência a desaparecer. Apesar de ligada aos trabalhos do dia-a-dia, a música tradicional apresenta uma grande variedade de estilos.

## **2.5 - Música Tradicional e a sua Vertente Folclórica**

O Conceito de Música Popular é polémico, pelo que tem sido ao longo das últimas décadas objecto de diversas interpretações. Fonterrada (2003) refere que *o folclore não é objecto de interesse apenas da ciência, mas também da arte* (p.140).

O nosso folclore musical teve o seu berço nas serras, campos, lugares e aldeias, ou seja, nas aglomerações de gentes rústicas. *O traje é a parte intrínseca do rancho folclórico, como o cancionero e a dança* (Portugal, 2004, p. 9). As danças, cantares e trajes próprios passaram a ser exibidas em palco, sendo integradas na encenação de um espectáculo para um público com características sócio culturais específicas. Funcionando como um símbolo colectivo, estes agrupamentos constituem motivo de empenho e orgulho para a comunidade onde se inserem.

Alguns estudiosos consideram que a verdadeira música Popular Portuguesa se encontra em extinção, entendendo por verdadeira Música Popular aquela que ainda se ouve

*nas aldeias de Portugal livre de todas as impurezas e adulterações resultantes de influências exteriores* (Correia & Neves, 1987, p.32).

Para Lopes-Graça (1973a) quando se fala de música folclórica portuguesa, antes de mais nada, temos em vista a sua modalidade vocal. *Com efeito, no nosso folclore as expressões vocais sobressaem de muito as expressões instrumentais* (p.200). É a canção que predomina *como modo de expressão mais característico e, digamos, mais extremado, do sentir musical das nossas populações rurais, e é sobre ela que, na verdade, se poderá de preferência alicerçar qualquer teorização acerca da nossa música folclórica* (idem, p.200-201).

A crescente importância de manifestações da cultura tradicional fez com que a UNESCO se preocupasse em definir, identificar, proteger e divulgar o folclore, levando a que o mesmo seja *reconhecido como herança da humanidade* (Filho, 2004. p. 60). Ao longo do século XX, os grupos folclóricos mostraram uma grande capacidade de adaptação e resistência. Os que foram fundados, aquando do Estado Novo, *suportaram mudanças políticas dramáticas, severas reformas pós-revolucionárias, rotação de alguns membros, dificuldades financeiras e temporadas sobrecarregadas* (Castelo-Branco & Branco, 2003, p. 143).

Em 1991 aquando do I Congresso Internacional de Folclore, organizado pela INATEL, José Carlos Rossato tentava ainda encontrar uma definição para o termo folclore, por considerar que o fenómeno deve ser *colectivo, empírico, espontâneo, funcional, localizável, permeável e tradicional* e ainda pelo facto de *o anonimato e transmissão oral serem secundárias, menos importantes, e nem sempre ocorrem* (Filho, 2004, p. 60).

Uma das pessoas que poderia abordar o *folclorismo científico com melhor conhecimento de causa, objectividade e preparação científica, virtudes que lhe vinham em primeira linha da sua qualidade de naturalista* (Lopes-Graça, 1989, pp. 140-141), era Gonçalo Sampaio.

Lopes-Graça afirma que Gonçalo Sampaio parece ser um dos raros que em Portugal porventura seria capaz de realizar o trabalho meditado e consciente sobre a música popular. No entanto, nem sempre está de acordo com os seus pontos de vista e afirmações como é o caso do *Minho a mais rica das nossas províncias em música popular* (idem, p. 143). Para Lopes-Graça, o Minho poderá ser mais rico em termos quantitativos, mas no sentido

---

qualitativo considera o Alentejo e a Beira Baixa. Também Cabral (2009) refere que Gonçalo Sampaio *elogia a riqueza da música popular do Minho: Sem a menor sombra de dúvida, é o Minho a mais rica das nossas províncias em música popular, visto que nenhuma outra a iguala no imenso repertório e na assombrosa variedade dos seus cantos* (p.60).

No entanto, a expressão «*música tradicional*» muitas vezes é associada somente ao folclore, mas quando isto acontece, o folclore também é associado somente às formas de música rural. Segundo Carmo (1994) Portugal é um país de enorme riqueza etnográfica e no que se refere à cultura popular, de uma invulgar diversidade de formas de expressão, considerando a dimensão do território e a sua continuidade geográfica.

Assim, assiste-se a uma necessidade urgente de dinamizar a *mudança da música tradicional portuguesa* (Castelo-Branco, 1987, p. 18). No entanto, Fonterrada (2003) refere que *se o valor da música é um consenso entre os músicos, não o é em outro segmento da sociedade, sendo pertinente a discussão, em um âmbito mais amplo que a questão da arte* (pp.10-11).

No nosso folclore, as expressões vocais superam em muito as expressões instrumentais. *Quando falamos de música folclórica portuguesa temos em vista antes de mais nada, a sua modalidade vocal* (Lopes-Graça, 1973, p. 200). A canção é o que predomina como mais característico e é sobre ela que se poderá, preferencialmente, alicerçar qualquer teorização sobre a nossa música folclórica. Para Lopes-Graça (1973), a canção popular e folclórica é *um produto genuíno no nosso lirismo que atinge um poder de síntese e uma grandeza que incorpora experiências, emoções bem como a filosofia de um povo* (p.40).

Portugal é um país bastante rico em melodias tradicionais. Não nos podemos esquecer que a sua área e população, não é tão vasta. Temos alguma dificuldade em entender como um povo tão pequeno, conseguiu uma linguagem musical original, variada e abundante. Referimo-nos à música popular portuguesa, pois cada um transmite aquilo que pensa de maior interesse para as gerações mais jovens, sugerindo-lhes caminhos e seleccionando valores que julga como mais adequados à preservação da sociedade e do meio em que está inserido. Esta transmissão, no individual ou no colectivo, abrange as mais diferentes áreas de expressão, podendo surgir por via oral, escrita ou em simultâneo, sendo portadora de uma longa herança cultural.

Nos povos em que a música se foi transmitindo oralmente, de pais para filhos, foram-se introduzindo numerosas modificações, como se pode verificar na música folclórica ou popular, dependentes da maior ou menor abertura de cada cultura. Nestas, a principal função é implicar todas as pessoas numa experiência comunitária.

É de referir, que quando ouvimos gravações de músicas de transmissão oral, perdemos em certa medida o sentido e a carga ideológica que elas têm para a colectividade concreta.

## **2.6 - Música Folclórica e o Currículo**

Nas últimas décadas, o ensino da música tem vindo a ser objecto de reflexão contínua. Não se pretende que o aluno seja um mero reproduzidor, mas sim um intérprete. Relativamente ao currículo, torna-se necessário referir que este ocupa, hoje, a posição de *lugar central na educação escolar* (Freitas, 2003, p.18). É o Estado (Ministério da Educação) quem define as aprendizagens que podem ser proporcionadas aos alunos pela escola, estabelecendo os chamados programas (idem, p.18).

Os currículos alteraram-se em 2001, com a publicação das Competências Essenciais (Ministério da Educação, 2001). De uma planificação por objectivos, passou-se para uma filosofia mais aberta centrada na construção de saberes. O perfil do Professor aponta para que não sejam meros transmissores de saberes, mas sim, mediadores/facilitadores de conhecimentos. Os alunos são co-autores, co-produtores e co-responsáveis no processo educativo. Ramiro Marques e Maria do Céu Roldão ilustram bem o papel do currículo no sistema educativo quando afirmam que a escola deixou de servir, somente, parte da sociedade e atravessa uma mudança que é decorrente de anteriores no que diz respeito à aprendizagem na escola. Dizem, ainda, que *se por um lado já não incorpora uma passagem simples de saberes estáticos, constitui-se cada vez mais como campo crítico da aquisição dos saberes de referência e das competências para aprender (...)* (Marques & Roldão, 1999, p.16-17).

As práticas artísticas são consideradas áreas de aprendizagem e de conhecimento muito importantes no desenvolvimento das crianças e adolescentes. É com esta perspectiva

que todo o educador deve enfrentar a sua prática educativa. Parafraseando Kodály, Torres (1998) refere que *a música é uma parte indispensável da cultura humana universal. Aqueles que não a possuem têm um desenvolvimento intelectual imperfeito. Sem música não existe o homem completo. Por isso é absolutamente natural que se integre a música no curriculum escolar* (p. 43).

Ao nível das metodologias, nos anos sessenta surgiram experiências no nosso país merecedoras de especial atenção como as metodologias de Edgar Willems e de Carl Orff. *Como consequência deste trabalho, as escolas são equipadas com instrumentário Orff, composto por instrumentos de percussão de altura determinada e indeterminada e ainda por flautas de bisel* (Sousa & Neto, 2003, p.71). Sousa & Neto (2003) referem que a partir de então, começaram a surgir no mercado publicações de grandes autores e pedagogos nomeadamente Justine Ward (1879-1975), Jos Wuytack (1935-), Pierre van Hauwe (1920-2009), Jacques-Dalcroze (1856-1950) e Zoltan Kodály (1882-1967). Nesta altura, surgiram também publicações de apoio metodológico com maior ou menor incidência em canções tradicionais.

Torres (1998) refere que estes pedagogos *aproveitam ao máximo as potencialidades da língua materna para uma prática musical quotidiana e partindo daí para o conhecimento da música erudita, quer como intérprete quer como ouvinte* (p.21). Sabemos que a música é um elemento muito importante. No Currículo Nacional do Ensino Básico, pode ler-se que:

*As competências artístico-musicais desenvolvem-se através de processos diversificados de apropriação de sentidos, de técnicas, de experiências de reprodução, de criação e reflexão, de acordo com os níveis de desenvolvimento das crianças e dos jovens. As competências específicas estão pensadas no sentido de providenciar práticas artísticas diferenciadas e adequadas aos diferentes contextos onde se exerce a acção educativa, de forma a possibilitar a construção e o desenvolvimento da literacia musical em nove grandes dimensões (Ministério da Educação, 2001, p.165).*

Devemos ter sempre presente que um dos objectivos da Educação Musical diz respeito à promoção e valorização *do património artístico e cultural nacional, regional e local de uma forma activa e interventiva* (Ministério da Educação, 2001, p.151). Tendo em conta este objectivo, podemos referir que, através da Música Tradicional Portuguesa, os alunos podem usufruir e valorizar a sua herança assim como a sua identidade cultural e social.



## 2.7 - Abordagens Curriculares/Modelos Pedagógicos

Hoje, não há pedagogo ou método que não contemple a canção popular, incluindo aqui as canções infantis tradicionais. Estas são consideradas um poderoso meio de formação pela sua simplicidade melodiosa e rítmica, pela afinidade com as culturas e, por vezes, pela carga afectiva que transportam. Estas, são as que se encontram mais próximas dos nossos alunos, pois muitos deles já as ouviram no berço, no campo, no meio onde vivem, e agora voltam a ouvi-las na escola.

Não podemos falar de Kodály sem falar da Educação Musical na Hungria ou vice-versa, uma vez que ele centra todo o seu trabalho na tradição desse país. Para Kodaly, a música tradicional deve ser o ponto de partida da Educação Musical. Kodaly partiu da recolha da Música Tradicional da Hungria, feita nos meios rurais, que após análise dos aspectos musicais e literários, deu origem a um novo estilo de Música Erudita Húngara. Este movimento foi realizado na Hungria, na área de Educação Musical, liderado por Béla Bartok (1881-1945 e Zoltán Kodály (1882-1967), que começaram por efectuar um levantamento da música tradicional nos meios rurais, não só através de gravações, mas também escrevendo as canções com vista à sua aplicação didáctica. Juntamente com Bartók, Kodaly dedicou grande parte da sua vida à recolha, classificação e análise de música tradicional húngara, assim como à reforma do ensino da música no seu país.

Este novo estilo, muito rapidamente passou a ser utilizado no seu país. De referir, que esta metodologia de ensino dá grande ênfase à formação musical através do canto. Para Kodaly, o canto é uma das formas de desenvolvimento da capacidade intelectual da criança nos aspectos social e cognitivo. Se usarmos no nosso país as canções populares húngaras, não estaremos a servir os ideais de Kodály, e não estamos a defender a nossa identidade, pois ele desenvolve alguns princípios de filosofia em relação a uma educação musical de um povo, dando ênfase ao facto de ser possível o acesso a uma educação musical para toda a gente, de uma forma mais acessível, que não seja, somente, vocacionada para alunos muito dotados, com bom ouvido ou com muitas capacidades.

A canção popular e folclórica serve para *to explore children's own musical inventions, the songs they preserve, and their responses to popular music* (Campbell; Williamson & Perron, 1996, p.196). Muitas crianças crescem e são confrontadas com o facto da aprendizagem de canções na sua infância ter sido quase exclusivamente de canções

estrangeiras, não conhecendo o repertório do seu país. *Torna-se também penoso chegar à conclusão de que parte da música folclórica portuguesa já se perdeu e do que resta ainda nas populações não urbanas, grande parte corre o risco de se perder* (Cruz, 1988, p.11). Os Professores de Educação Musical podem dar o seu contributo para que estas perdurem no tempo, valorizando e abordando este género musical em vez de recorrer a músicas de outros países.

Normalmente, os Agrupamentos de Folclore são referidos como *detentores e transmissores da nossa música e dança tradicionais* (Sardo, 1988, p. 58). No ensino da música, devemos sempre utilizar *a música de cada país a fim de nelas desenvolver a percepção dos seus elementos construtivos* (Azevedo, 1984, p.17). Podemos afirmar que ao abordar a música, se utilizarmos a música tradicional do nosso país, esta é mais acessível para as crianças, uma vez que faz parte da sua cultura. Sobre este assunto, Lopes-Graça (1991) refere que a canção portuguesa faz parte do nosso património e da nossa cultura.

*Mais do que qualquer outra manifestação do nosso temperamento, da nossa cultura ou das nossas capacidades criadoras, ela nos define e integra na nossa realidade psicológica e social. Amá-la, é conhecemo-nos no que em nós existe de mais fundo e enraizado no solo natal; defendê-la, é defender portanto uma parcela de nós mesmos, da nossa individualidade, da nossa história íntima (p.51).*

As canções tradicionais, parece-nos assim o melhor material para iniciar a linguagem musical, pois permite-nos aproveitar o seu valor estético e pedagógico para uma formação global do aluno enquanto indivíduo. Torres (1998) refere que *as nossas canções tradicionais (...) apresentam características musicais bem diferentes das canções húngaras (...)* A música tradicional de cada país assenta na respectiva língua materna (p.53).

Cabe à escola promover todas as actividades que sustentem o respeito pelas várias culturas sem, no entanto, deixar de assumir a sua própria identidade, devendo contudo ser o elo de ligação de todas as outras culturas e não somente ser receptora das tradições, usos e costumes dos povos que vêm integrar-se no nosso país ou região.

Muitas vezes alguns Professores recorrem a canções estrangeiras para introduzir novos conceitos. Sobre este assunto Cruz (1998) refere que quando crescem as crianças têm a desagradável surpresa ao descobrir que grande parte das canções que aprenderam na sua infância, não são portuguesas pelo que *não conhecem o seu próprio repertório.*

---

*Depois, torna-se-lhes mais difícil destrinçar, de entre o que sempre cantaram, o que era ou não português (p.11).*

Quando falamos em canção, a voz também tem um papel fundamental. Para Kodály é considerada um instrumento fundamental, pois nas escolas não há possibilidades de ter pianos ou violinos como instrumentos, mas há a possibilidade de todos os alunos terem a voz. Assim, a única forma que Kodály encontrou para colocar toda a gente a fazer música foi pô-los a cantar. Utilizou também a linguagem gestual (os sinais de mão que utilizava eram, igualmente, uma forma de aprendizagem económica), pois assim não necessitava de quadros ou papel pautado.

Cruz (1988) refere que talvez melhor do que falar sobre o conceito que Kodály tem sobre o ensino da música, seja transcrever uma frase escrita por ele: *a música é para todos*. É nosso dever aproximar a população das artes e estas da população. Uma das grandes vitórias de Kodály foi a implementação do canto e a criação de coros nas escolas. Para ele, quanto mais cedo as crianças começassem a cantar, mais cedo poderiam entender a música. Na Hungria toda a gente sabe música e Kodály pretendia, para além de preparar músicos, preparar o público para esses músicos. Em Portugal, corremos o risco de ter óptimos músicos, mas não temos público para eles.

Relativamente à metodologia, Kodály deixou-nos muitas e valiosas ideias no campo musical. No entanto, *não são de maneira nenhuma «receita» a aplicar, mas sim conceitos básicos e linhas directoras a ter presentes (p.10)*. Quem acredita na *metodologia* de Kodály e a quiser colocar em prática deve ter sempre presente a preservação da identidade do país, pois, caso contrário, não estamos a servir os ideais de Kodály. Torres (2008) refere ainda que *não estamos a defender a nossa identidade, quando usamos nas nossas aulas canções pedagogicamente úteis, mas infelizmente estrangeiras (p.11)*.

A música tradicional do nosso país é uma das fontes de maior riqueza para a abordagem da canção em Educação Musical. Este género musical ainda tem algum impacto na vida das pessoas, pelo que devemos tentar preservá-lo, sob pena de correremos o risco de perder no tempo a nossa identidade e as nossas raízes.

## **2.8 - Sumário**

Neste capítulo, é apresentada a revisão da literatura, fazendo uma breve abordagem à evolução da disciplina de Educação Musical, à Educação Artística na Área da Música, e ao papel da Música na Educação. São focadas as Funções/Implicações Sociais da Música Tradicional Portuguesa e da Música Tradicional e a sua vertente Folclórica. Aborda-se a Música folclórica no currículo, e fazem-se referências a Abordagens Curriculares/Modelos Pedagógicos.

## CAPÍTULO III – METODOLOGIA DO ESTUDO

### 3.0 - Introdução e Finalidades

O presente capítulo tem como finalidade explicar os caminhos metodológicos utilizados, tendo em conta o objectivo da pesquisa. É feita uma abordagem aos motivos da escolha do método, suas vantagens e desvantagens, assim como aos instrumentos de recolha de dados, sua adequação e justificação. São explicadas as características da metodologia mista e a sua relação com a pesquisa.

### 3.1 - Selecção da Metodologia

Desde o início da humanidade que o homem tem procurado tomar conhecimento do mundo em que vive assim como dos fenómenos que o rodeiam. Esse conhecimento pode ser atingido quando se efectua uma pesquisa. Segundo Sampieri et al (2006, p. XXI) a pesquisa tem a ver com a realidade e deve ser sistemática, empírica e crítica. Herman (1983) define metodologia, em sentido lato, como *um conjunto de directrizes que orientam a investigação científica* (p.5).

Tendo presente o problema da investigação, tornou-se evidente a opção por uma abordagem mista (combinação dos enfoques quantitativos e qualitativos). Sobre este assunto, Bodgan e Biklen (1994, p.63) referem que *grande parte da investigação que se faz não é totalmente qualitativa ou totalmente quantitativa, pois uma investigação predominantemente quantitativa pode apresentar dados qualitativos e vice-versa*. A investigação quantitativa utiliza dados de natureza numérica que lhe permite estabelecer relações entre variáveis, enquanto a qualitativa utiliza essencialmente metodologias que

podem criar dados descritivos, que lhes permitirá ver o modo de pensar dos participantes na investigação.

Nesta investigação foram passados questionários (anexo 1) cuja apresentação será feita recorrendo a dados numéricos, estabelecendo relações entre as diferentes variáveis. As entrevistas semi-estruturadas (anexo 2) serão tratadas qualitativamente, tendo em atenção os dados descritivos obtidos, de forma a poder expressar a opinião dos entrevistados relativamente ao tema da investigação.

A utilização simultânea dos dois enfoques pareceu-me a mais indicada, que de acordo com Tashakkori e Teddlie (1998), citados por Morais e Neves (2007), fazem referência a estudos onde se utilizam simultaneamente as técnicas qualitativas e quantitativas, descrevendo *como é que a análise qualitativa pode gerar hipóteses para estudos quantitativos e como é que se pode recolher simultaneamente dados quantitativos e qualitativos* (p.77). Assim, os dados tratados quantitativamente serão complementados com os dados qualitativos.

Morais e Neves (2007) citam Shaffer e Serlim (2004), que referem que a utilização dos dois enfoques é um método utilizado para garantir a apresentação de uma amostra adequada. Diz ainda que *ambos constituem tentativas para projectar um conjunto finito de informação para a população mais ampla: uma população de indivíduos no caso do típico inquérito quantitativo, ou uma colecção de observações na análise qualitativa [...]* (p.77). Segundo Sampieri *et al* (2006, p.4) quando utilizados em conjunto os enfoques quantitativo e qualitativo enriquecem a pesquisa.

Bogdan & Biklen (1994) referem que os dados recolhidos através da metodologia qualitativa são ricos em descrições, tornando-se difícil o seu tratamento estatístico. Os dados são recolhidos e analisados, de forma indutiva, e não no sentido de confirmar hipóteses. Também Merriam (1988) refere que nas metodologias qualitativas os participantes na investigação são reduzidos a variáveis isoladas, mas fazendo parte de um todo no seu contexto natural. Quando se reduz pessoas a um dado estatístico, há características do comportamento humano que são ignoradas. Para que se possa conhecer melhor os seres humanos ao nível do pensamento, a autora refere que se deve recorrer a dados descritivos, derivados dos registos e anotações pessoais dos comportamentos observados, como foi o caso aquando da realização da entrevista. De referir que os dados

recolhidos na entrevista dificultam o seu tratamento estatístico pelo que é feito o tratamento qualitativo.

Por seu lado, a investigação quantitativa, feita através dos questionários, usa medidas numéricas com vista a testar hipóteses. Após recolha dos dados, estes foram sujeitos a uma análise estatística.

A utilização desta metodologia foi pensada tendo em conta o problema da investigação. Apesar de tudo, estes dados não podem ser generalizáveis mas podem estabelecer uma relação causa efeito, podendo-se proceder a uma previsão dos fenómenos.

### **3.2 - Características do Estudo de Caso**

Tendo presente o tipo de abordagem (mista), optou-se por um estudo de caso que, de acordo com Yin (1994), tem como objectivo explorar, descrever ou explicar acontecimentos, nos quais estão envolvidos vários factores e variáveis.

O estudo de caso em questão tem como objectivo o estudo de um fenómeno no AEGS, que visa essencialmente conhecer em Profundidade o 'como' e 'porquê' que caracterizam o caso em estudo. No estudo de caso não se testam hipóteses mas sim identificam-se padrões. Neste caso específico pretende-se verificar a importância dada à Música Popular Folclórica e identificar os gostos e hábitos musicais dos alunos e Professores de Educação Musical do AEGS. O investigador é o principal instrumento de recolha de dados.

Merriam (1988) e Bogdan & Biklen (1994) afirmam que o plano geral do estudo de caso pode ser apresentado como um funil e que, num estudo qualitativo, as perguntas nunca são muito específicas e não se estabelecem a partir de variáveis, tendo antes o objectivo de investigar num contexto natural. A preocupação central deste tipo de investigação, não é a de saber se os resultados são susceptíveis de generalização, mas sim a que contextos e sujeitos podem ser generalizados. Desta forma, o estudo de caso está intimamente ligado à investigação qualitativa, e à conjuntura do paradigma interpretativo,

---

porque é utilizado por investigadores que têm como prioridade descrever e compreender em Profundidade um determinado contexto, como é o caso em estudo.

Este estudo é um estudo de caso do tipo intrínseco, pois como refere Stake (2009), *quando sentimos curiosidade acerca de uma determinada actividade (...), o caso está dado. Estamos interessados nele (...) porque precisamos de aprender sobre este caso em particular* (p.19). Temos um interesse intrínseco no caso, por isso mesmo o podemos chamar de «*estudo de caso intrínseco*». Como já foi referido, o estudo de caso, tem como principal característica, o estudo detalhado de um determinado contexto, ou indivíduo, ou de um acontecimento específico. Este tipo de método não tem como objectivo verdades universais passíveis de generalizações, pois o fenómeno investigado no AEGS não pode ser generalizado a outros Agrupamentos de Escolas, pois cada caso é um caso, como refere Stake (2009), não pode ser estudado com o objectivo de entender outros casos.

Afonso (2005), citando Bassey (1999), refere que em educação um estudo de caso é realizado numa situação circunscrita de espaço e de tempo, centrada em contextos naturais, respeitando pessoas, tendo em conta a fundamentação de juízos e decisões mas *possibilitando a exploração de aspectos relevantes, a formulação e verificação de explicações plausíveis sobre o que se encontrou, a construção de argumentos ou narrativas válidas, ou a sua relação com temas da literatura científica de referência* (pp.70-71).

O caso em estudo suscita-me bastante curiosidade pois o Concelho onde está inserido o AEGS é rico no que concerne a Agrupamentos de Folclore. Para Stake (2009), *quando sentimos curiosidade acerca de uma determinada actividade, o caso está dado* (p.19). Se estamos interessados no caso e, ao estudá-lo, aprendemos sobre este em particular, *temos um interesse intrínseco no caso* (idem. p.19), podendo chamar, então, o nosso trabalho de «*estudo de caso intrínseco*». Em síntese, o método estudo de caso não é uma técnica específica, é antes um meio de recolher, organizar e apresentar dados.



### 3.3 - Vantagens e Desvantagens

A natureza do problema determinou a selecção e o modelo de pesquisa a seguir. No entanto, qualquer modelo apresenta pontos fortes e pontos menos fortes, levando o investigador a ponderar se as desvantagens podem condicionar o resultado da pesquisa.

Bogdan e Biklen (1994) sugerem que um investigador pouco experiente deve preferir estudos de caso para efectuar as suas investigações, uma vez que esta metodologia oferece menos dificuldades práticas em comparação com as demais.

Na situação em estudo, procurou-se esta metodologia, pois permitiu ao investigador a possibilidade de se concentrar num caso específico e tentar identificar os diversos processos interactivos em curso. Como refere Afonso (2005), um estudo de caso está centrado na natureza do objecto, tratando de estudar o que é particular, específico e único.

Sousa (2005) refere como principal vantagem do estudo de caso a *concentração das atenções do investigador e a utilização cruzada de diversos instrumentos de avaliação sobre um caso ou situação específica, procurando identificar os diversos processos interactivos em curso, para melhor compreender a sua fenomenologia* (p.139). Nesta situação, este tipo de metodologia permitiu que o caso fosse estudado, de uma forma mais ao menos aprofundada, em pouco tempo.

As atenções do investigador foram concentradas na utilização cruzada dos questionários e entrevistas, procurando identificar os vários processos interactivos em curso, para melhor compreender a sua fenomenologia. De referir, ainda, que a utilização dos questionários e entrevistas, como instrumentos de recolha de dados, produziram informação de fácil entendimento, o que facilitou a sua compreensão. Focaram pontos que podem ser a chave para compreender a situação em análise e que, num estudo de larga escala, podiam perder-se. Estes relatam, com grande pormenor, a situação em estudo, o que possibilita uma maior compreensão da realidade e, ainda, o conhecimento que daqui resulta pode ser aplicado noutros casos similares, podendo servir de suporte à interpretação dos mesmos.

Como contrapartidas, este tipo de método não permite estabelecer generalizações. O fenómeno observado no AEGS não pode ser generalizado aos restantes Agrupamentos de Escolas. Tal como Sousa (2005) refere, o que se sucede neste Agrupamento e neste caso, não pode servir de exemplo para outros casos noutras situações.

---

Uma vez que a investigação se realiza *in loco*, é difícil verificar a informação obtida, o que não permite inferir se houve distorções na sua obtenção.

### 3.4 - Instrumentos de Recolha de Dados

Tendo em conta as questões da investigação, foram seleccionados os seguintes instrumentos para recolha de dados: entrevista semi-estruturada e questionário. No questionário foram introduzidas algumas questões abertas, para que os inquiridos pudessem expressar por palavras próprias a sua opinião sobre alguns tópicos do tema em investigação.

Sousa (2005), citando Bisquerra 1989, afirma que *instrumentos de medida ou técnicas de recolha de dados são meios técnicos que se utilizam para registar as observações ou facilitar o tratamento experimental* (p.181). Por seu lado, Quivy (1998) refere que os instrumentos de recolha de dados devem ser capazes de recolher, ou produzir a informação prescrita pelos indicadores. O autor aponta como instrumentos de recolha de dados para a observação indirecta o questionário e um guião de entrevista.

Yin (1994) considera que *uma das principais vantagens dos estudos de caso é o recurso a múltiplas fontes de dados* (p.92). O recurso a múltiplas fontes de dados pode ter como objectivo a obtenção de informação sobre factos, fenómenos, acontecimentos, ou pelo contrário, pode servir para obter informações sobre o mesmo facto, fenómeno ou acontecimento.

Ao nível da recolha de dados, o estudo de caso passou pelos seguintes procedimentos: recolha dos dados sobre o caso em estudo, sendo esta o mais exaustiva possível, e o contexto onde se encontra inserido; análise qualitativa e quantitativa desses dados, procurando-se constantes relações, discrepâncias, frequências e elementos de valor significativo; extracção de inferências, a partir da análise e extracção de conclusões.

Sendo um tipo de investigação que se efectua no momento, torna-se difícil verificar a informação obtida, o que inviabiliza a constatação de distorções na sua obtenção.

### 3.4.1 - Entrevista

A entrevista é uma técnica que envolve informação e uma conversa com uma ou mais pessoas. Nas suas formas diferentes, estas *distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e interacção humana* (Quivy, 1998, p.191).

A entrevista caracteriza-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores. O investigador procurou descobrir o que é importante e significativo. Sousa (2005) refere que a entrevista é um instrumento utilizado em investigação, que pretende obter informações através de questões feitas directamente a cada entrevistado. Diz ainda que o entrevistado e entrevistador mantêm *uma conversa amena e agradável no decurso do qual o entrevistado vai proporcionando as informações que o entrevistador espera* (p.247).

Bogdan e Biklen (1994), citando Morgan (1988), referem que na investigação qualitativa a entrevista *é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo* (p.134).

Tendo presente o contexto desta investigação, optou-se pela realização de entrevista semi-estruturada, uma vez que visa compreender e aprofundar o objecto em estudo, obtendo o maior número de informações sobre os conhecimentos e opiniões dos entrevistados, assim como as suas experiências.

A entrevista semi-estruturada utilizada foi elaborada tendo em conta o tema da pesquisa. O questionário era básico e apoiado em teorias e hipóteses relacionados com o tema. Triviños (1987) afirma que a entrevista semi-estruturada *favorece não só a descrição dos fenómenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade* (p. 152). *Nas entrevistas semi-estruturadas, fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos, embora se perca a oportunidade de compreender como é que os próprios sujeitos estruturam o tópico em questão* (Bogdan e Biklen, 1994, p. 135).

A entrevista semi-estruturada utilizada caracteriza-se pela existência de um guião, que foi previamente estruturado, e serviu de fio condutor ao desenvolvimento da entrevista. Garantiu que os vários participantes pudessem responder às mesmas questões, a ordem das questões não foi necessariamente seguida, o desenrolar da entrevista foi-se adaptando ao entrevistado, e manteve-se um elevado grau de flexibilidade na exploração das questões.

Previamente, foi elaborado um guião que serviu de orientação para a entrevista. Este abordava questões sobre o tema em estudo, tendo presente a dinâmica que uma entrevista deve conter.

O guião encontra-se organizado da seguinte forma:

Tabela 1 – Temas e Objectivos da Entrevista

| <b>Temas/Categorias</b>  | <b>Objectivos</b>   |
|--|---|
| Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado  | Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado<br>Criar um clima de abertura e confiança promotor de uma boa interacção entre entrevistador e entrevistado |
| Caracterização pessoal e Profissional do entrevistado  | Recolher dados sobre a idade, género, habilitações, anos de docência, anos de docência no agrupamento e níveis de ensino que o entrevistado lecciona        |
| <b>I</b> – Expectativas e opiniões dos entrevistados quanto ao currículo   | Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente aos currículos actuais   |
| <b>II</b> – Opiniões dos entrevistados quanto à abordagem da música tradicional portuguesa/folclore.                           | Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente à abordagem da música tradicional portuguesa/folclore.   |
| <b>III</b> – Opiniões dos entrevistados quanto à planificação das aulas.   | Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente à forma como é feita a planificação das aulas e a abordagem de conteúdos.                                |
| <b>IV</b> – Opinião dos entrevistados quanto à frequência de grupos de folclore por parte dos alunos e implicações educativas. | Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente à frequência de grupos de folclore por parte dos alunos e implicações educativas.                        |
| <b>V</b> – Opinião dos entrevistados sobre as implicações da música popular/folclórica na vida social e cultural dos alunos    | Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente às implicações na vida social e cultural dos alunos.   |
| <b>VI</b> - Hábitos de audição dos docentes  | Conhecer os hábitos de audição dos entrevistados.   |
| <b>VII</b> – Possíveis sugestões   | Recolher sugestões pertinentes para o estudo  |

A utilização da entrevista, tal como todas as técnicas, tem vantagens e desvantagens. A principal vantagem da sua utilização está relacionada com o acesso a atitudes e conteúdos, bem como à liberdade de expressão dos indivíduos entrevistados. No decorrer da entrevista, o entrevistador teve a oportunidade de colocar questões que não estavam previstas, pois o diálogo entre o entrevistador e entrevistado assim o exigiu, proporcionando um envolvimento pessoal do entrevistado e possibilitando a repetição e esclarecimento de algumas perguntas para que fossem perfeitamente compreendidas pelo entrevistado.

Ao nível das desvantagens, devo referir que existe uma menor liberdade do entrevistado nas respostas, na medida em que não teve tempo para pensar nas questões ou voltar atrás, como o poderia fazer num questionário. Há ainda a acrescentar a dificuldade sentida (incompatibilidade horária) para realizar as entrevistas.

Na formulação da entrevista, as perguntas base foram elaboradas tendo em atenção a criação de uma estrutura coerente, que, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), são fundamentais na extracção de significados e de interpretação.

Os temas/categorias da entrevista foram esquematizados da seguinte forma, após realização dos pontos A e B:

A - Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado: Criação de um clima de confiança e abertura

Objectivos:

- 1 - Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado
- 2- Criar um clima de abertura e confiança tendo como finalidade uma boa interacção entre entrevistador e entrevistado.

Tarefas:

- a) Informar sobre o tema e objectivos do estudo;
- b) Salientar o grau de importância que a colaboração do entrevistado tem para o estudo;
- c) Garantir o anonimato;
- d) Solicitar autorização para a gravação da entrevista;
- e) Promover um clima de abertura e confiança;

## B – Caracterização pessoal e Profissional dos entrevistados

### Objectivos:

Recolher dados sobre: idade e género, habilitações, anos de docência; anos de docência no agrupamento e níveis de ensino que lecciona.

### Tarefas:

- a) Qual a sua idade?
- b) Quais as suas habilitações Profissionais?
- c) Há quantos anos de lecciona?
- d) Há quantos anos lecciona no Agrupamento?
- e) A que níveis de ensino que lecciona?

### 3.4.1.1 - Categorias

Categoria I – Expectativas e opiniões dos entrevistados quanto ao currículo.

### Objectivos:

Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente aos currículos actuais.

### Formulário de questões:

- a) Qual a sua opinião sobre a abordagem do folclore/música popular portuguesa no currículo de Educação Musical?
- b) Sugere alguma alteração para melhorar o currículo?  
Que faria de diferente?  
Como deveria estar organizado?

Categoria II – Opinião dos entrevistados quanto à abordagem da música tradicional portuguesa/folclore.

### Objectivos:

Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente à abordagem da música tradicional portuguesa/folclore.

Formulário de questões:

- a) Relativamente à música tradicional portuguesa, acha pertinente a sua abordagem? Porquê?
- b) Como acha que deve ser feita essa abordagem?
- c) Com que frequência? (semanal, quinzenal, mensal, ... e número de horas)
- d) Segue o manual escolar ou recorre a outros materiais?
- e) Acha que os alunos estão sensíveis à abordagem da música tradicional portuguesa/folclórica?

Categoria III – Opinião dos entrevistados quanto à planificação das aulas.

Objectivos:

Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente à forma como é feita a planificação das aulas e a abordagem dos conteúdos.

Formulário de questões:

- a) Na planificação das suas aulas tem presente os gostos musicais dos alunos?
- b) Como faz a motivação dos alunos ao introduzir uma actividade nova?
- c) Em sua opinião, quais os géneros musicais de maior interesse para os alunos?
- d) Que estratégias utiliza para abordar os géneros musicais que vão menos de encontro aos gostos dos alunos?

Categoria IV – Opinião dos entrevistados quanto à frequência de grupos de folclore por parte dos alunos e implicações educativas.

Objectivos:

Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente à frequência de grupos de folclore por parte dos alunos e implicações educativas.

Formulário de questões:

- a) Sendo o Concelho da Póvoa de Lanhoso bastante rico ao nível de grupos de folclore, será que o conhecimento musical, coreográfico e vocal que transmitem aos alunos será suficiente?
- b) Podemos considerá-lo uma mais valia?
- c) Poderá influenciar os gostos musicais dos alunos?
- d) Que implicações educativas poderá ter a frequência de um grupo de folclore?
- e) Na sua opinião quais as principais funções e finalidades dos grupos de folclore?

Categoria V – Implicações da abordagem da música popular/folclórica na vida social e cultural dos alunos:

Objectivos:

Perceber a opinião dos entrevistados relativamente a implicações na vida social e cultural dos alunos

Formulário de questões:

- a) Que implicações poderá ter a abordagem da música popular portuguesa na vida social e cultural dos alunos?
- b) De uma forma inconsciente julga que pode influenciar os alunos na escolha dos gostos musicais?

Categoria VI – Hábitos de audição dos docentes

Objectivos:

Perceber quais os hábitos de audição dos entrevistados

Formulário de questões:

- a) Tem por hábito ouvir música tradicional portuguesa?
- b) Em que contexto?
- c) Com que frequência?
- d) Como?
- e) Onde?

Categoria VII – Sugestões

Objectivos:

Recolher sugestões pertinentes para o estudo

Formulário de questões:

- a) Dada a sua experiência Profissional, gostaria de acrescentar alguma informação que considere pertinente para este estudo?



Todas as entrevistas foram realizadas em ambiente calmo e com privacidade, em condições favoráveis ao seu normal decurso.

A entrevista foi efectuada aos quatro docentes que leccionam Educação Musical no AEGS na semana de 11 a 17 de Dezembro de 2010. Este momento foi de partilha de informação, tendo sido explicados os objectivos do estudo e garantido o anonimato e o sigilo de informação. Foram, ainda, informados que, após a transcrição das entrevistas, estas seriam disponibilizadas aos entrevistados para leitura das mesmas.

### 3.4.2 - Questionário

A aplicação de um questionário permite recolher uma amostra dos conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos, sendo fundamental ter presente o que se pretende avaliar e como, devendo, para o efeito, haver rigor na selecção do tipo de questionário a aplicar, para que o mesmo seja credível.

O questionário foi aplicado a 174 alunos e, de acordo com Quivy & Campenhoudt (1998), *o tratamento quantitativo das informações que deverá seguir-se, as respostas à maior parte das perguntas são normalmente pré-codificadas, de forma que os entrevistados devem obrigatoriamente escolher as suas respostas entre as que lhes são formalmente propostas* (p.188).

Como todos os instrumentos de recolha de dados, o questionário apresenta vantagens e desvantagens. Ao nível das vantagens, salienta-se a possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação e o facto da exigência de representatividade do conjunto de entrevistados poder ser satisfeita através deste método. É de sublinhar, no entanto, que esta representatividade nunca é absoluta, está sempre limitada por uma margem de erro e só tem sentido em relação a um certo tipo de perguntas, que são as que fazem sentido para a totalidade da população em questão.

Como desvantagem, a uniformização limitou e inibiu a livre expressão do entrevistado. Para minimizar esta desvantagem, foram introduzidas algumas questões de resposta aberta, para que o entrevistado pudesse ter a liberdade de exprimir as suas opiniões.

Antes de aplicar o questionário, foi efectuada uma revisão gráfica pormenorizada, de forma a evitar erros ortográficos ou gramaticais. Esta revisão, para além de necessária, procurou evitar erros ou induções nas respostas, assim como criar credibilidade no questionário por parte dos entrevistados. Foi, ainda, testada a viabilidade e eficácia do mesmo, no dia 18 de Novembro de 2010, com um grupo de cinco alunos do 5º ano do AEGS, que frequentam uma turma não seleccionada para a aplicação do questionário.

A testagem do questionário teve com objectivos a verificação de inconsistência ou complexidade das questões; a utilização de linguagem ambígua ou inacessível; a utilização de perguntas banais, ou que colocassem o entrevistado perante situações de embaraço. Ademais, pretendeu-se verificar a coerência das questões e a extensão do questionário. De salientar que os cinco alunos, após breve explicação do questionário, nomeadamente as questões A1 e A2, procederam ao preenchimento do mesmo sem revelarem dificuldades de compreensão.

O questionário estava estruturado em duas partes. Na primeira parte A1 e A2, os itens abordados estavam relacionados com a frequência, ou não, do aluno num Agrupamento de Folclore. Na segunda parte, identificada pela letra B, foram abordadas as vivências musicais dos alunos.

### **3.5 - Plano de Acção**

A investigação teve várias fases, tendo as mesmas sido distribuídas ao longo de sete meses, entre Julho de 2010 a Janeiro de 2011.

A calendarização das fases encontra-se organizada da seguinte forma:

Julho de 2010

→ Primeiros contactos com o orientador científico. Nesta fase, foi apresentado o tema da investigação.

→ Contacto com a Directora do Agrupamento, no sentido de apurar a viabilidade da realização da pesquisa.

#### Agosto e Setembro de 2010

→ Recolha e selecção de Bibliografia.

#### Outubro de 2010

→ Reunião com o orientador científico, onde foram traçados os objectivos e o esboço da metodologia a seguir;

→ Construção dos questionários e das entrevistas;

→ Reunião com a Directora do AEGS, com vista a ultimar os procedimentos para dar início à pesquisa.

#### Novembro de 2010

→ Revisão gráfica e ortográfica dos questionários e entrevistas;

→ Reunião com a Directora do Agrupamento no dia 16 de Novembro, para consertar os procedimentos para, posteriormente, aplicar os questionários (selecção das turmas) e realizar as entrevistas;

→ Realização de um teste de validação do questionário no dia 18 de Novembro com um grupo de 5 alunos;

→ Aplicação dos questionários na semana de 22 a 30 de Novembro.

#### Dezembro de 2010

→ Análise e interpretação dos questionários;

→ Realização das entrevistas semi-estruturadas entre os dias 13 e 17 de Dezembro aos docentes de Educação Musical;

→ Transcrição, análise e interpretação das entrevistas.

#### Janeiro de 2011

→ Preparação do relatório final.

### 3.6 - Localização da Investigação, Definição e Constituição da Amostra

Esta investigação teve lugar na sede do AEGS, situado no Concelho da Póvoa de Lanhoso.

Na constituição da amostra houve necessidade de introduzir alguns critérios de selecção. Uma vez que no AEGS existem três núcleos ao nível do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, e por sugestão da Directora do Agrupamento, os questionários foram passados a quatro turmas do 5º ano, compostas por alunos dos três núcleos, para que todos pudessem estar representados. Ao nível do 7º ano, e uma vez que existem quatro docentes a leccionar no 2º CEB, o questionário foi passado a quatro turmas, sendo que todos os docentes estavam representados.

Estes critérios reduziram o universo em estudo para quatro das nove turmas de 5º ano existentes no agrupamento, e quatro das oito turmas de 7º ano. Ao nível de alunos, a constituição da amostra é composta por 91 alunos, dos 215 alunos que frequentam o 5º ano, e 83 alunos, dos 156 que frequentam o 7º ano de escolaridade. Patton (1990), citado por Carmo & Ferreira (2008), afirma que *provavelmente nada põe tão bem em evidência a diferença entre métodos quantitativos e métodos qualitativos como as diferentes lógicas que estão subjacentes às técnicas de amostragem* (p.209).

Para além de ter a representatividade de todos os núcleos do 1º CEB, e de todos os docentes que leccionam ao 2ºCEB, foram escolhidos o 5º e 7º anos para se aplicar o questionário, por serem turmas de início de ciclo. Sousa (2005) defende que, quando a população alvo da pesquisa é demasiado grande, para que todos os procedimentos da investigação possam ser aplicados, *recorre-se à selecção da amostra, possuidora de todas as características da população, trabalhando-se apenas com os sujeitos da amostra* (p.65). Para Carmo & Ferreira (2008) existe uma técnica de amostragem que está relacionada com a selecção da amostra e *conduz à selecção de uma parte ou subconjunto de uma dada população ou universo que se denomina amostra, de tal maneira que os elementos que constituem a amostra representam a população a partir da qual foram seleccionados* (Carmo & Ferreira 2008, p.209).

### 3.7 - Análise de Dados

Depois de recolhidos os resultados brutos com os diferentes instrumentos, nas *diferentes observações (...), há a necessidade de se proceder ao seu estudo para se poder chegar a inferências que irão ou não validar as hipóteses da investigação* (Sousa, 2005, p.291).

Numa investigação qualitativa, o processo de recolha de dados é bastante demorado, pois o investigador tem a necessidade de transcrever na íntegra as gravações das entrevistas realizadas. Numa fase posterior, e após ter identificado, transcrito e organizado os dados recolhidos, procedeu-se à codificação e criação das categorias.

Nesta pesquisa, o investigador teve a preocupação de separar e numerar todos os documentos obtidos durante a investigação, nomeadamente os registos áudio das entrevistas efectuadas e os questionários.

No tratamento estatístico, e com vista a facilitar a interpretação dos resultados, recorreu-se a tabelas e gráficos, calculando as frequências absolutas, relativas, e a média.

### 3.8 -Triangulação

Há autores, nomeadamente Punch (1998), que consideram que esta questão não se coloca. Em determinados estudos de caso, a generalização não faz sentido, devido à especificidade do caso ou ao carácter irrepitível do mesmo (Coutinho & Chaves, 2002).

Nesta investigação a triangulação foi feita através da combinação dos questionários e entrevistas, utilizando os dados recolhidos através dos diferentes instrumentos enunciados. Denzin, citado por Sousa (2005), define a triangulação como sendo a *combinação de metodologias diferentes no estudo de um mesmo fenómeno*, enquanto Kemmis, citado pelo mesmo autor, *concebe-a como um cruzamento entre diferentes fontes de dados* (p.173). A utilização da triangulação permite enfrentar problemas relacionados com a ambiguidade da comunicação.

Carmo & Ferreira (2008), citam Patton (1990), o qual afirma que uma forma de tornar um plano de investigação mais “sólido” é através da triangulação, isto é, da combinação de metodologias no estudo dos mesmos fenómenos ou programas. O autor refere, ainda, que se devem utilizar diferentes métodos ou dados, incluindo a combinação de abordagens qualitativas e quantitativas. Por seu lado, Yin (1994) defende a utilização de múltiplas fontes de dados na construção de um estudo de caso, permitindo-nos considerar um conjunto mais diversificado de tópicos de análise e, em simultâneo, possibilita corroborar o mesmo fenómeno.

### 3.9 - Questões Éticas

Para salvaguardar as questões éticas, na presente investigação foram tidos em conta alguns procedimentos.

Os intervenientes (Directora do Agrupamento, Alunos, Professores) e todos os demais que podiam, de algum modo, estar ligados ou contribuir para os procedimentos da investigação, foram devidamente inteirados dos objectivos e estratégias da mesma.

Antes de iniciar qualquer procedimento, foram obtidas as devidas autorizações. De salientar que o AEGS possui uma autorização que é distribuída a todos os Encarregados de Educação no início do ano lectivo, onde lhes é solicitada autorização para aplicar questionários aos seus educandos no âmbito de investigações académicas (anexo 3).

Todas as informações recebidas durante o tempo que decorreu a investigação foram estritamente confidenciais e utilizadas somente para este estudo, pois *a condução de uma investigação em educação deverá revestir-se de todos os cuidados que envolvam quaisquer relações humanas* (Sousa, 2005, p.33). Sobre este assunto, Sousa (2005) salienta que *duas questões dominam o panorama recente no âmbito da ética relativa à investigação com sujeitos humanos: o consentimento informado e a protecção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos* (p. 75).

Os participantes sentiram que a sua colaboração era desejável e imprescindível nesta investigação. Sentiram que o seu contributo e opinião eram importantes para estudar

um problema que se está a verificar no AEGS, que é a desvalorização da Música Popular Folclórica.

### **3.10 -Sumário**

Neste capítulo é apresentada a selecção da metodologia, as características do estudo, as vantagens e desvantagens. São, também, apresentados os instrumentos de recolha de dados, o plano de acção, assim como a amostra. Por último, é feita referência à forma como se vai proceder à análise dos dados, recorrendo à triangulação de dados e aos cuidados tidos com as questões éticas.





## **CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

### **4.0 - Introdução e Finalidades**

Neste capítulo é feita a interpretação dos resultados obtidos através dos instrumentos de recolha de dados - questionários e entrevistas. Todos os dados foram analisados e interpretados a partir da triangulação de informações, para obter uma visão holística e abrangente da realidade.

Na primeira parte serão apresentados os dados recolhidos através dos inquéritos realizados no AEGS, enquanto que na segunda parte os dados apresentados resultam das quatro entrevistas realizadas aos docentes que leccionam Educação Musical ao 2º CEB no AEGS.

Para facilitar a leitura e interpretação dos dados, os mesmos serão apresentados sob a forma de gráficos ou tabelas, com vista a facilitar a análise final e o levantamento de algumas conclusões.

### **4.1 - Exposição dos Resultados dos Questionários**

Os resultados apresentados foram extraídos dos questionários realizados no AEGS entre os dias 22 e 30 de Novembro de 2010, e das entrevistas efectuadas entre os dias 13 e 17 de Dezembro de 2010.

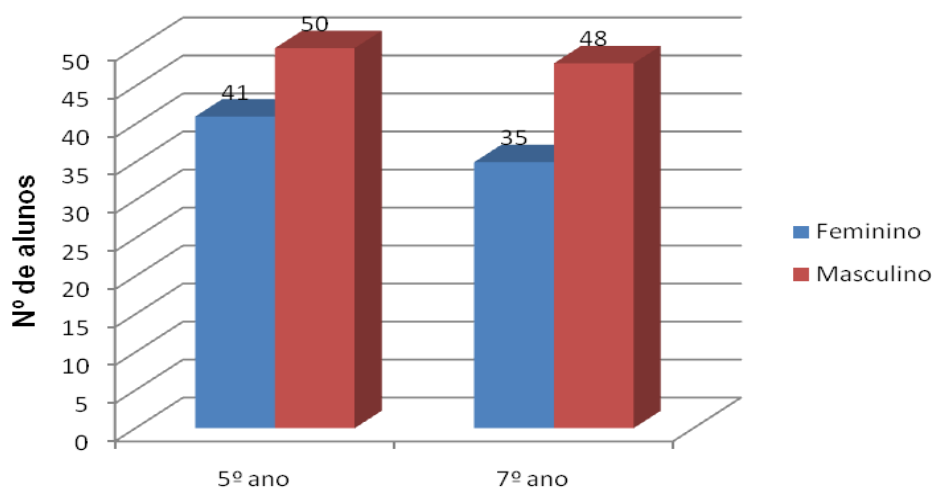
Actualmente, na escola existem nove turmas de 5º ano, com um total de 215 alunos, e oito turmas de 7º ano, com um total de 156 alunos. Responderam ao questionário quatro turmas de 5º ano que perfaz 91 alunos e quatro turmas de 7º ano que perfaz 83 alunos.

Na amostra seleccionada podemos constatar pela tabela 2 que, tendo em atenção a idade dos alunos, existe maior concentração de adolescentes na classe dos 10 anos com 36,2% (n=63), seguida da classe dos 12 anos com 31% (n=54) dos alunos, correspondendo a 67,2% (n=117) da amostra. Na classe dos 9 anos, temos 8% (n=14) de alunos que frequentam o 5º ano de escolaridade. Com 14 anos e a frequentar o 7º ano de escolaridade temos 1,7% (n=3) dos alunos.

Tabela 2- Distribuição da amostra por idades

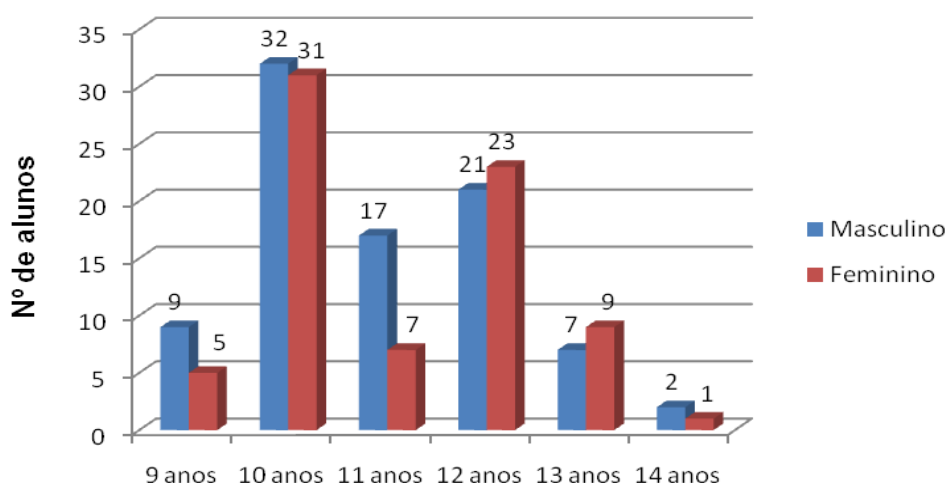
| Idade   | 5º ano |       | 7º ano |       | Total |       |
|---------|--------|-------|--------|-------|-------|-------|
| 9 anos  | 14     | 15,4% | 0      | 0%    | 14    | 8,1%  |
| 10 anos | 63     | 69,2% | 0      | 0%    | 63    | 36,2% |
| 11 anos | 11     | 12,1% | 13     | 15,7% | 24    | 13,8% |
| 12 anos | 3      | 3,3%  | 51     | 61,4% | 54    | 31%   |
| 13 anos | 0      | 0%    | 16     | 19,3% | 16    | 9,2%  |
| 14 anos | 0      | 0%    | 3      | 3,6%  | 3     | 1,7%  |

Gráfico 1 - Alunos que compõem as turmas de 5º e 7º anos onde foi aplicado o questionário



Na amostra seleccionada, podemos constatar que responderam ao inquérito 56,4% (n=98) de alunos do sexo masculino e 43,6% do sexo feminino (n=76). Podemos verificar ainda que, ao nível do 5º ano, 45,1% (n=41) dos alunos são do sexo feminino e 54,9% (n=50) são do sexo masculino. No 7º ano, 42,2% (n=35) dos alunos são do sexo feminino e 57,8% (n=48) são do sexo masculino.

Gráfico 2- Alunos por género e idade



No gráfico 2 podemos constatar que a amostra mais representativa é de 36,2% (n=63) com 10 anos e 25,3% (n=44) com 12 anos. Há ainda 8% (n=14) de alunos com 9 anos que frequentam o 5º ano e 1,7% (n=3) com 14 anos que frequentam o 7º ano.

#### 4.1.1 - Caracterização Sócio - Demográfica

Sendo um dos critérios escolhidos para a selecção da amostra, a representatividade de todas as freguesias que fazem parte do AEGS, a tabela 3 representa a distribuição da amostra pelas freguesias onde residem os alunos.

Grande parte dos alunos que constituem as turmas provêm de duas freguesias, sendo Nossa Senhora do Amparo a que tem mais alunos a frequentar o 5º ano com 42,9% (n=39). No 7º ano, a freguesia donde provêm mais alunos é Santo Emilião com 22,9%

(n=19). Santo Emilião, ao nível do 5º ano, também é representado por 13,2 % (n=12) dos alunos, e Nossa Senhora do Amparo no 7º ano por 20,5% (n=17).

O AEGS ainda recebe 4,4% (n=4) de alunos no 5º ano e 4,8% (n=4) no 7º ano que não residem na área do Agrupamento.

Tabela 3 - Distribuição da amostra pelas freguesias do AEGS

| Área de residência          | 5º ano | 7º ano |
|-----------------------------|--------|--------|
| Campos                      | 1      | 8      |
| Nossa Senhora do Amparo     | 39     | 17     |
| Ferreiros                   | 1      | 3      |
| Rundufinho                  | 1      | 3      |
| Vilela                      | 2      | 5      |
| Santo Emilião               | 12     | 19     |
| Galegos                     | 3      | 2      |
| Monsul                      | 1      | 2      |
| Calvos                      | 4      | 4      |
| Serzedelo                   | 8      | 2      |
| Lanhoso                     | 1      | 1      |
| Frades                      | 2      | 3      |
| Aguas Santas                | 2      | 1      |
| Verim                       | 1      | 1      |
| Ajude                       | 1      | 1      |
| Friande                     | 2      | 2      |
| Covelas                     | 2      | 1      |
| Geraz do Minho              | 1      | 1      |
| Louredo                     | 1      | 1      |
| S. João de Rei              | 1      | 1      |
| Moure                       | 1      | 1      |
| Não residem na área do AEGS | 4      | 4      |

#### 4.1.2 - Frequência de Grupo de Folclore

No gráfico 3, podemos constatar que 91,2% (n=83) dos alunos que frequentam o 5º ano e 95,2% (n=79) dos que frequentam o 7º ano fazem parte de grupos de folclore. Podemos ainda constatar que 8,8% (n=8) de alunos que frequentam o 5º ano de escolaridade e 4,8% (n=4) que frequentam o 7º ano de escolaridade não frequentam grupos de folclore.

Gráfico 3 - Frequência de grupos de folclore

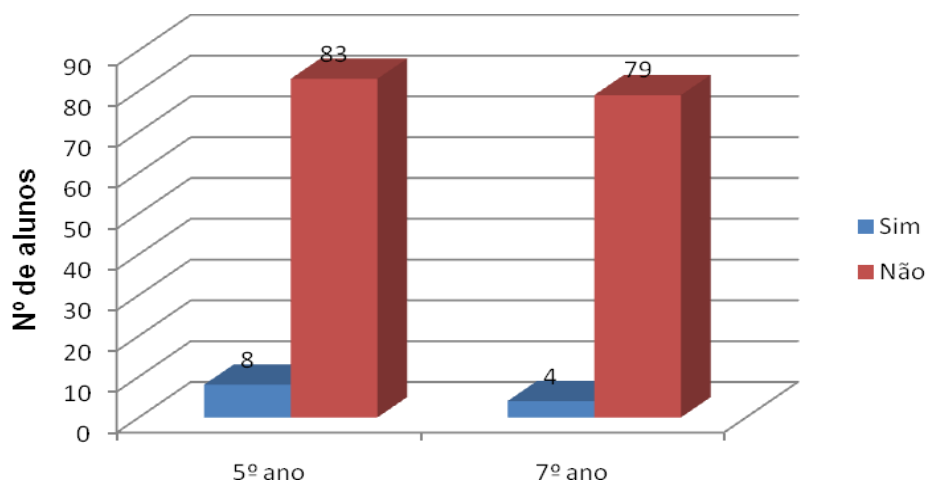


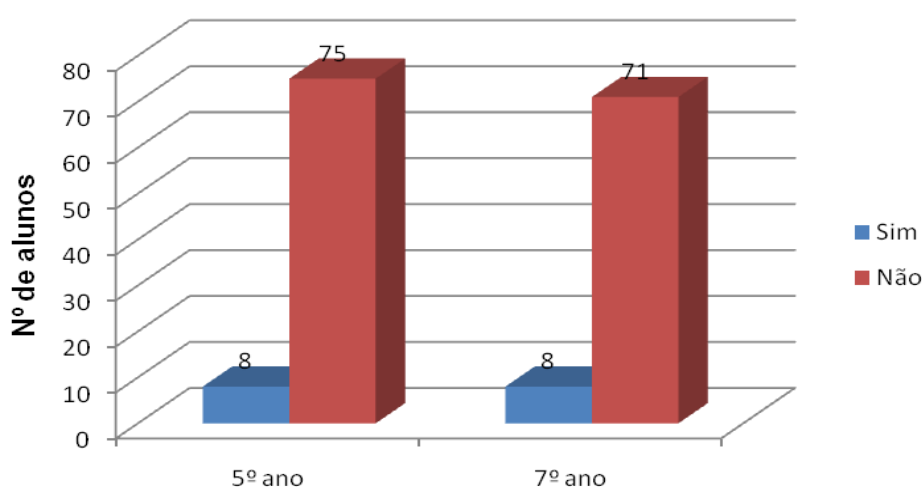
Tabela 4 – Género, tempo de permanência, forma como integraram o grupo e existência de familiares directos em Agrupamentos de Folclore

|   |        |          |                   |    |
|---|--------|----------|-------------------|----|
| Número de alunos que frequentam Agrupamento de Folclore | 5º ano | 8 alunos | Sexo Masculino    | 4  |
|   |        |          | Sexo Feminino     | 4  |
|   | 7º ano | 4 alunos | Sexo Masculino    | 3  |
|   |        |          | Sexo Feminino     | 1  |
| Tempo de Permanência                                    | 5º ano |          | Menos de um ano   | 2  |
|   |        |          | 1 ano             | 3  |
|   |        |          | 2 anos            | 3  |
|   |        |          | 3 anos            | 1  |
|   |        |          | 4 ou mais anos    | 3  |
| Como integraram o grupo                                 |        |          | Convite           | 2  |
|   |        |          | Interesse próprio | 10 |
| Existência de familiares directos no grupo              |        |          | Sim               | 12 |
|   |        |          | Não               | 0  |

Na tabela 4 podemos verificar que ao nível do 5º ano existem quatro alunos do sexo masculino e quatro do sexo feminino a frequentar grupos de folclore, enquanto no 7º ano existem três alunos do sexo masculino e um do sexo feminino. Dos alunos que frequentam Agrupamentos de Folclore, dois alunos do 5º ano frequentam-no há menos de um ano, três alunos há um e dois anos respectivamente. No 7º ano, três alunos frequentam Agrupamentos de Folclore há quatro ou mais anos.

Dos 12 alunos que integram Agrupamentos de Folclore, 10 referiram integrar o grupo por interesse próprio. A totalidade dos alunos referiu ter familiares a frequentá-los, sendo estes o pai, mãe, avós, tios e primos.

**Gráfico 4 - Alunos que gostariam de pertencer a um grupo de folclore**

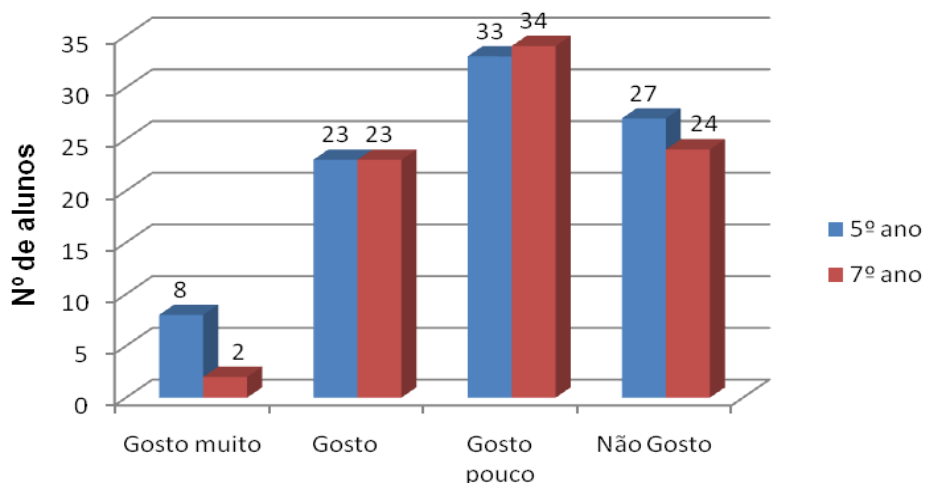


No gráfico 4, podemos verificar que 8,8% (n=8) dos alunos que frequentam o 5º ano e 9,6% (n=8) dos alunos que frequentam o 7º ano, não frequentam um grupo de folclore mas gostavam de o frequentar.

#### 4.1.3 - Vivências Musicais

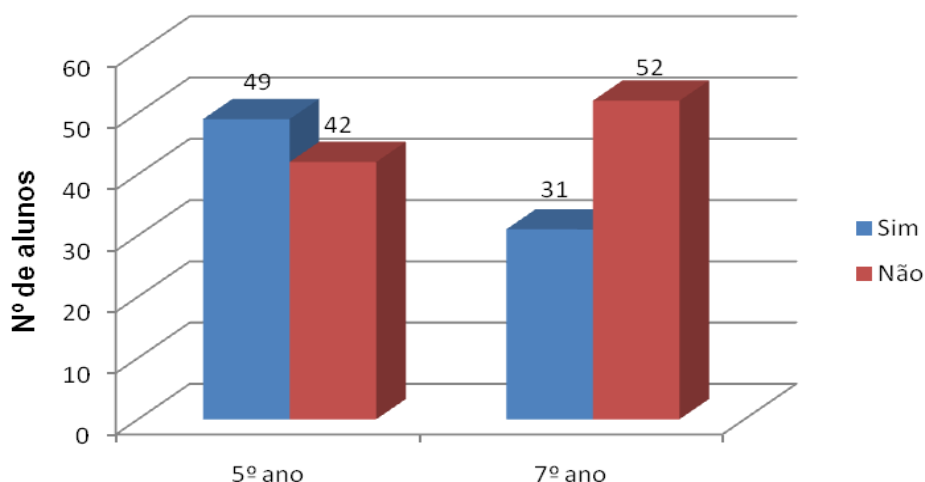
Apresentam-se infra os resultados que dizem respeito ao grupo B. No gráfico 5 podemos verificar qual o grau de importância que os alunos do AEGS atribuem à música tradicional da sua região.

Gráfico 5 - Opinião relativamente à música tradicional da região



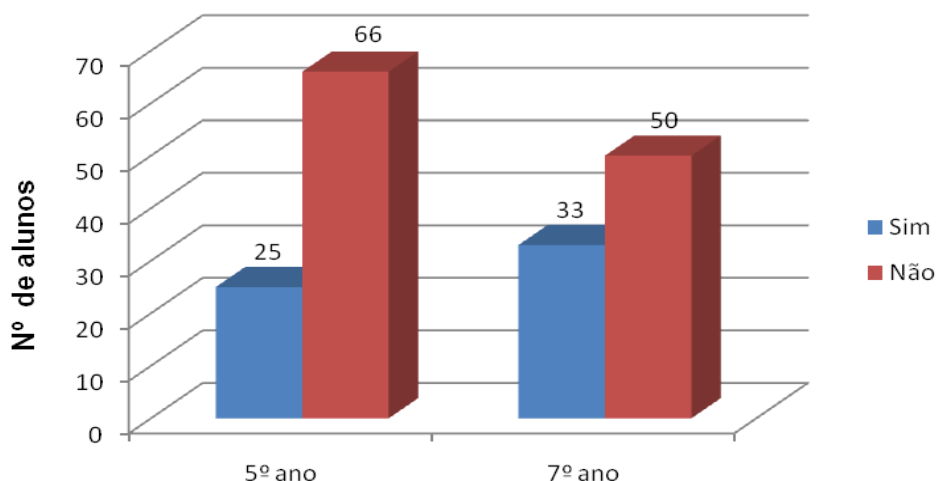
Ao nível do 5º ano, 8,8% (n=8) dos alunos gostam muito de música tradicional da sua região, 25,3% (n=23) gostam, 36,3% (n=33) gostam pouco e 29,7% (n=27) não gostam. No 7º ano 2,4% (n=2) dos alunos gostam muito de música tradicional da região, 27,7% (n=23) gostam, 41,0% (n=34) gostam pouco e 28,9% (n=24) não gostam.

Gráfico 6 - Hábitos de assistência de actuações de folclore



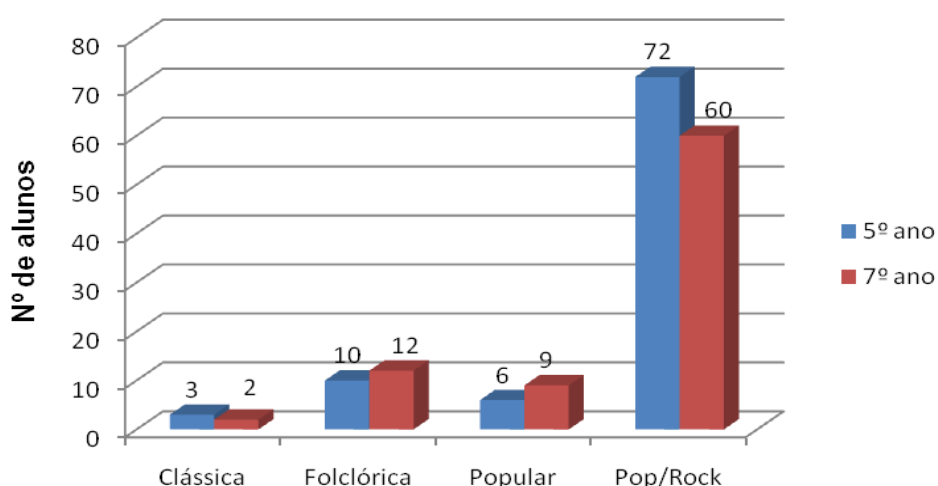
Constata-se no gráfico 6 que 53,8% (n=49) dos alunos de 5º ano e 37,3% (n=31) dos que frequentam o 7º ano costumam ouvir ou assistir a actuações de folclore. No 5º ano 46,2% (n=42) dos alunos e no 7º ano 62,7% (n=52) dos alunos já não possui esses hábitos.

Gráfico 7 - Atribuição da importância em pertencer a um grupo de folclore



Quando questionados acerca da importância de pertencer a um grupo de folclore, podemos verificar no gráfico 7 que 27,5% (n=25) dos alunos que frequentam o 5º ano e 39,8% (n=33) dos que frequentam o 7º ano consideram importante pertencer a um grupo de folclore. 72,5% (n=66) dos alunos do 5º ano e 60,2% (n=50) dos alunos de 7º ano não o consideram importante.

Gráfico 8 - Género de música preferido



No gráfico 8 podemos verificar qual o género musical preferido dos alunos. Dos alunos que responderam ao inquérito, 3,3% (n=3) do 5º ano elegeram a música clássica como a sua preferida, 11% (n=10) elegeram a música folclórica, 6,6% (n=6) a popular e

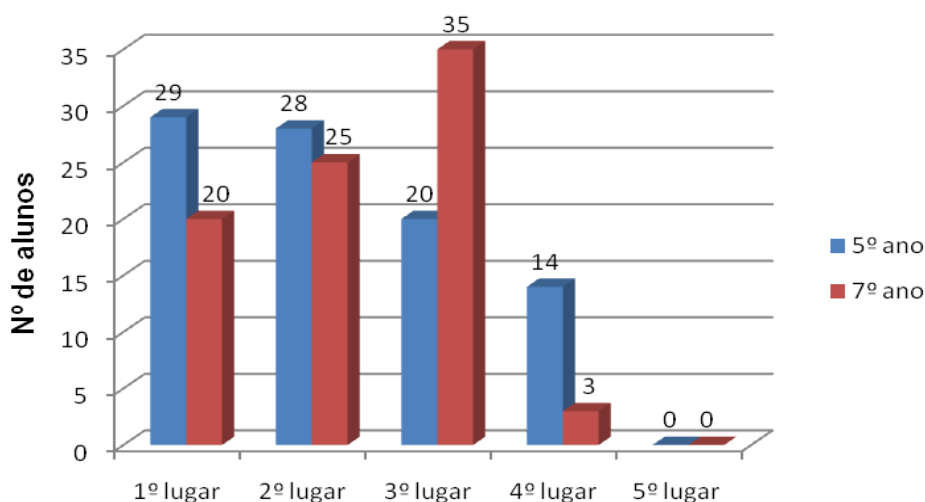


79,1% (n=72) a Pop/Rock. Ao nível do 7º ano, 2,4% (n=2) elegeram a música clássica, 14,5% (n=12) preferem a folclórica, 10,8% (n=9) a popular e 72,3% (n=60) a Pop/Rock.

Os gráficos 9, 10, 11 e 12 representam as razões escolhidas pelos alunos para o género musical preferido. De referir que foram enumeradas como razões importantes o facto de “ser mais alegre e ritmada”, “soar melhor e ir de encontro aos meus gostos musicais”, “fazer-me sentir bem” e “contribuir para um melhor conhecimento da cultura do país”. Foram dadas indicações aos alunos para numerar as razões, sendo “1” a que consideravam mais importante.

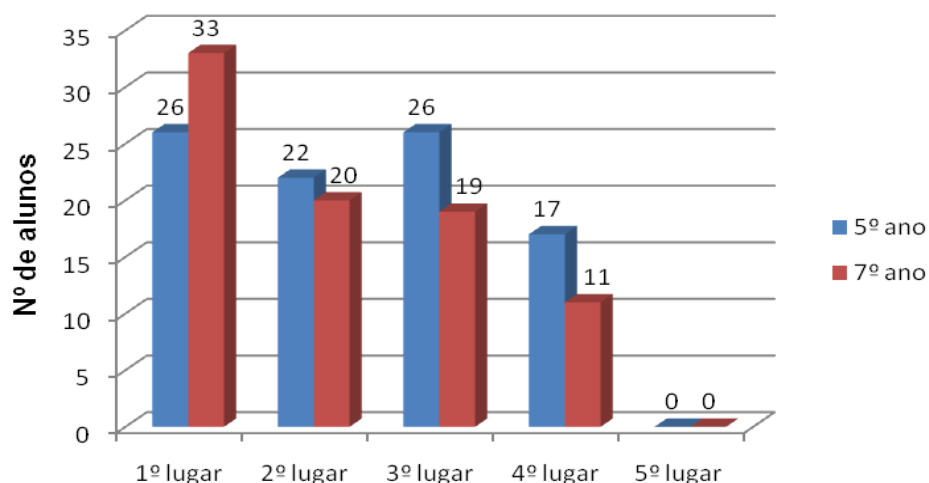
É de salientar que foi colocado o item “outro”, em que permitia aos alunos poderem responder abertamente, não tendo este sido utilizado por eles.

Gráfico 9 - Mais alegre e ritmada



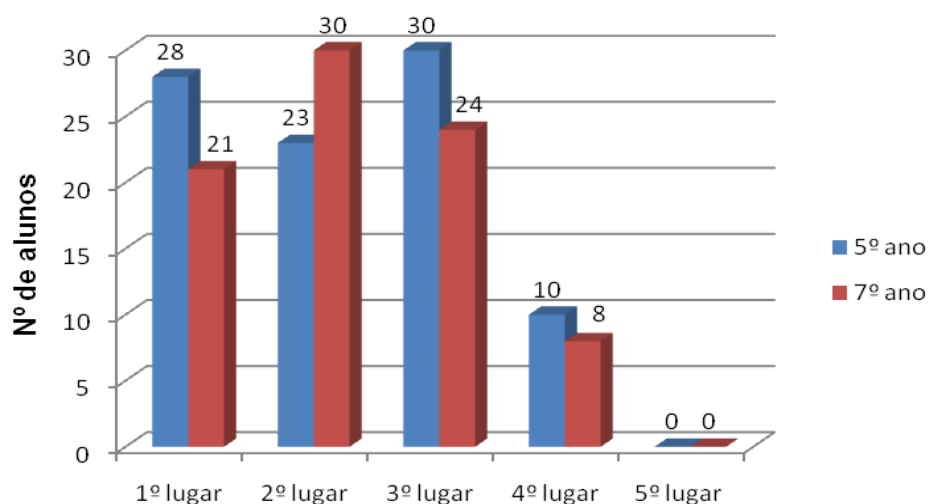
Ao nível do 5º ano, dos 91 discentes que responderam ao inquérito, 31,9% (n=29) elegeram a “música mais alegre e ritmada” em primeiro lugar e 30,8% (n=28) em segundo lugar. No 7º ano, dos 83 alunos que responderam ao inquérito, 42,2% (n=35) elegeram-na em terceiro lugar e 30,1% (n=25) em segundo.

Gráfico 10 - Soa melhor e vai de encontro aos meus gostos



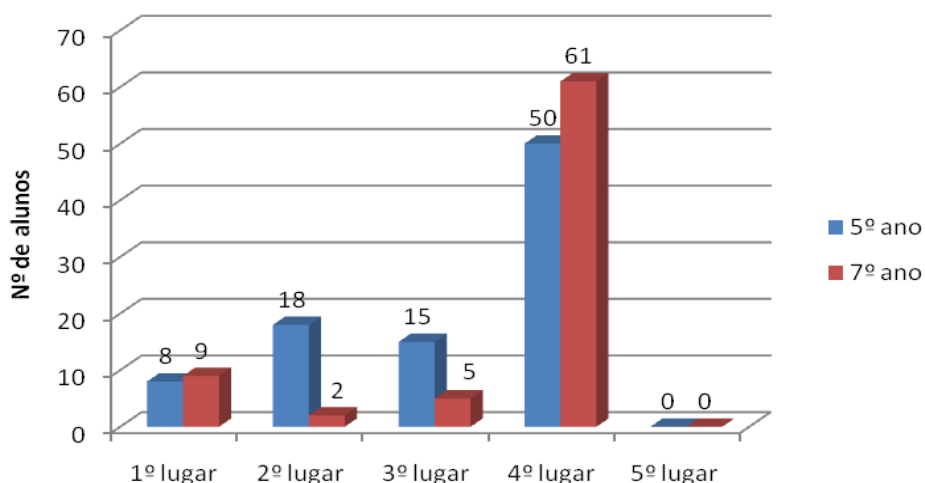
No gráfico 10 podemos verificar que 28,6% (n=26) dos alunos do 5º ano elegeram esta resposta em primeiro lugar, 24,2% (n=22) em segundo e 28,6% (n=26) em terceiro lugar. No 7º ano, 39,8% (n=33) dos alunos colocaram esta resposta em primeiro lugar e 24,1% (n=20) em segundo lugar.

Gráfico 11 - Faz-me sentir bem



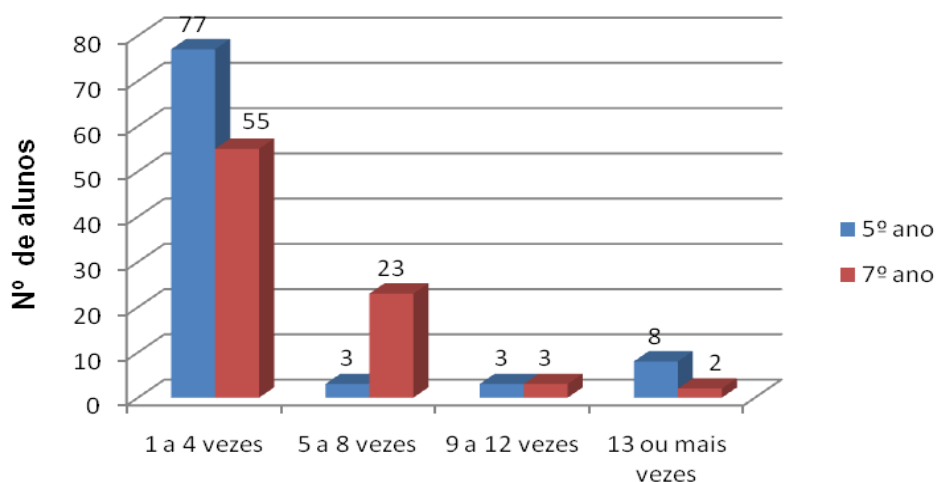
30,8% (n=28) dos alunos do 5º ano escolheram esta resposta em primeiro lugar e 25,3% (n=23) alunos em segundo lugar e em terceiro 33% (n=30). No 7º ano 25,3% (n=21) escolheram-na em primeiro lugar, e 36,1% (n=30) em segundo.

Gráfico 12 - Faz-me perceber melhor a cultura do meu país



No gráfico 12 podemos verificar que 54,9% (n=50) escolheram esta resposta em quarto lugar. No 7º ano, a mesma resposta foi seleccionada em quarto lugar por 79,2% (n=61) dos alunos.

Gráfico 13 - Número de vezes que abordaram a música folclórica popular no ano lectivo anterior



No gráfico 13 podemos verificar o número de vezes que os alunos abordaram a música popular no ano lectivo anterior. Consta-se que no 5º ano 84,6% (n=77) dos alunos referiram ter abordado a música popular 1 a 4 vezes, 3,3% (n=3) referiram ter abordado 5 a 8 vezes, 3,3% (n=3) 9 a 12 vezes e 8,8% (n=8) 13 ou mais vezes. No 7º ano, 66,3% (n=55)

referiram ter abordado a música popular 1 a 4 vezes, 27,7% (n=23), 5 a 8 vezes, 3,6% (n=3), 9 a 12 vezes e 2,4% (n=2) 13 ou mais vezes.

A frequência de um grupo, seja ele qual for, tem vantagens e desvantagens. Foi dada a possibilidade a todos os inquiridos de indicarem duas vantagens e duas desvantagens de pertencerem a um grupo de folclore. Sendo esta pergunta de resposta aberta, foi-lhes dada a possibilidade de se exprimirem e justificarem as suas opiniões.

Estas respostas deram origem a cinco critérios de referências. Podemos verificar no gráfico 14 que a referência “conhecimento do património” foi a mais evidenciada pelos alunos de 5º ano com 24,7% (n=45) e do 7º ano com 31,3% (n=52). As actividades ligadas à dança foram inseridas no critério de referência “actividades de dança”. Ao nível do 5º ano, 21,4% (n=39) dos alunos e no 7º ano 26,5% (n=44) mencionaram respostas inseridas neste critério. Nas “actividades vocais” foram inseridas 15,4% (n=28) das respostas dadas pelos alunos que frequentam o 5º ano e 12% (n=20) dos que frequentam o 7º ano. Nas “actividades instrumentais”, 15,9% (n=29) das respostas dadas pelos alunos que frequentam o 5º ano e 13,3% (n=22) enquadravam-se nesta referência. O “convívio” é referido por 22,6% (n=41) dos alunos que frequentam o 5º ano e por 16,9% (n=28) dos que frequentam o 7º ano.

Ao nível das desvantagens podemos constatar pelo gráfico 15 que 52% (n=47) dos alunos que frequentam o 5º ano e 47% (n=39) dos que frequentam o 7º ano deram respostas que foram inseridas no critério de referência “falta de tempo”. No critério “Não gostar de música popular” foram inseridas 22,5% (n=41) das respostas dadas por alunos que frequentam o 5º ano e 13,3% (n=22) dos alunos que frequentam o 7º ano. No critério de referência “ter acidentes” foram inseridas respostas dadas por 8,4% (n=14) dos alunos de 5º ano e por 10,4% (n=19) dos alunos de 7º ano. No critério de referência “ser gozado” foram inseridas 20,5% (n=34) das respostas dadas por alunos do 5º ano e 11% (n=20) das respostas dadas por alunos do 7º ano.

De salientar que todos os alunos referiram duas vantagens. Ao nível das desvantagens o mesmo não aconteceu pois alguns alunos mencionaram “não encontrar desvantagens” em pertencer a um grupo de folclore.

Gráfico 14 - Vantagens de pertencer a um grupo de folclore

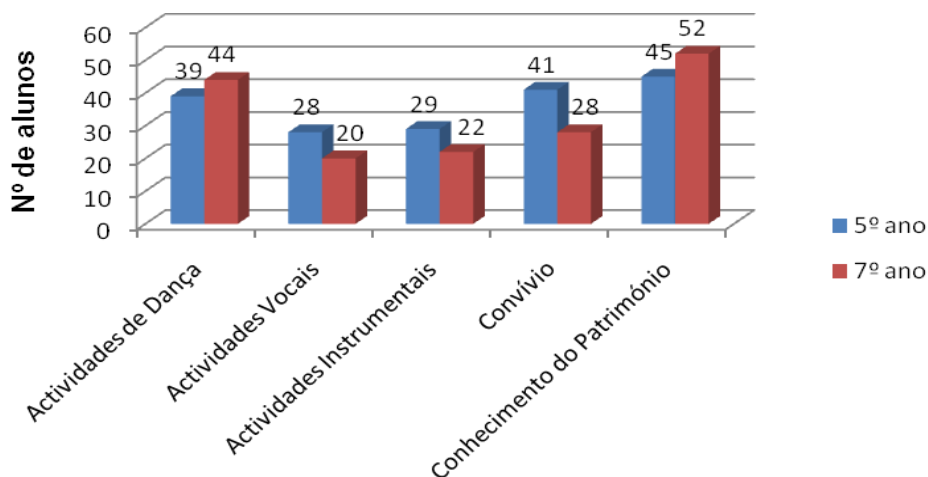
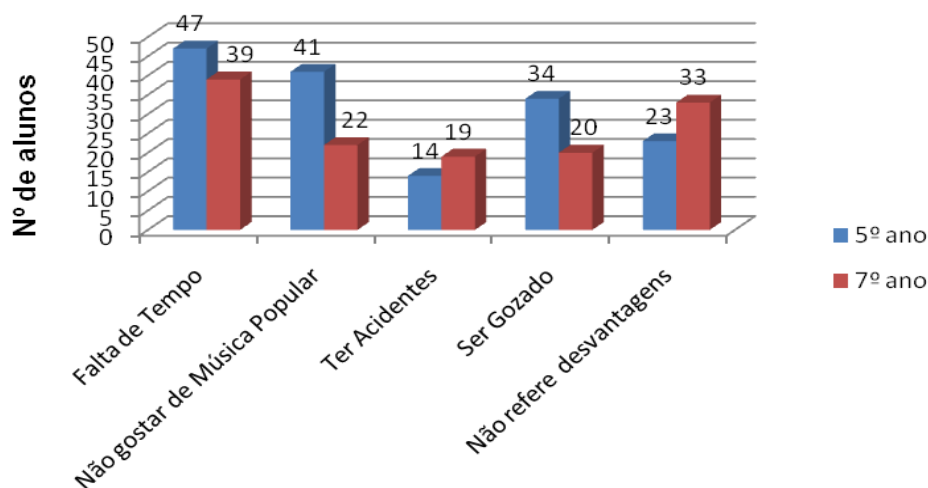
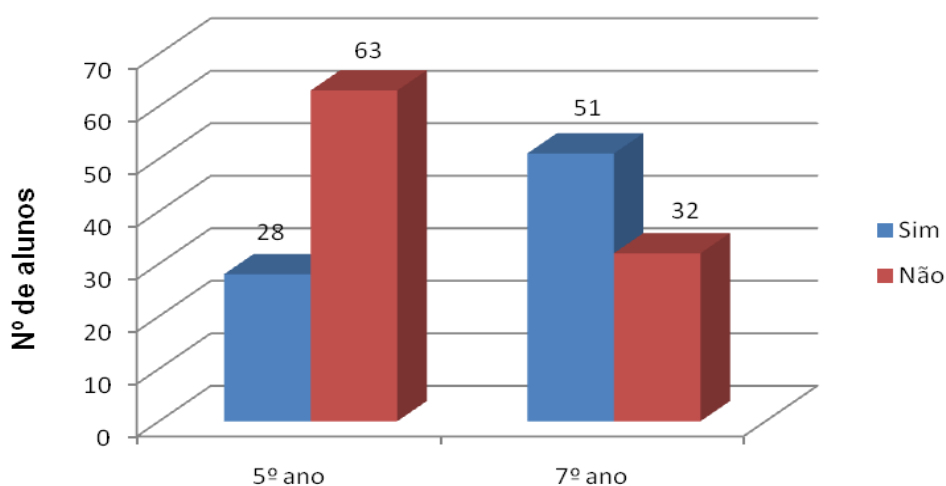


Gráfico 15 - Desvantagens de pertencer a um grupo de folclore



Quando questionados sobre a incidência maior da música tradicional nas aulas de Educação Musical, como podemos verificar no gráfico 16, 69,2% (n=63) dos alunos de 5º ano responderam que não vêm essa necessidade, enquanto 61,4% (n=51) dos alunos de 7º ano responderam que é importante incidir mais neste género musical.

Gráfico 16 - Opinião sobre a necessidade de abordar com maior frequência a música tradicional e folclórica na aula de Educação Musical



#### 4.2 - Apresentação dos Resultados das Entrevistas

Os conteúdos das entrevistas foram seleccionados e codificados, tendo obtido assim todas as unidades de registo (U.R.). A síntese categorial da análise de todas as entrevistas é apresentada nas tabelas seguintes.

Tabela 5 - Categoria I – Expectativas e opiniões dos entrevistados quanto ao currículo

| Subcategorias  | Total | Indicadores  | Nº U.R.   |
|--|-------|--|---|
| Música popular portuguesa no Currículo de Educação Musical | 12    | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪Muito importante</li> <li>▪Importante</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>8</li> <li>4</li> </ul>            |
| Alterações que efectuará no currículo                      | 17    | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Manual único</li> <li>▪Revisão dos programas</li> <li>▪Obrigatoriedade de existir uma percentagem elevada de exemplos musicais portugueses nos manuais</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>4</li> <li>6</li> <li>7</li> </ul> |

Tabela 6 - Categoria II – Opiniões dos entrevistados quanto à abordagem da música tradicional portuguesa/Folclore.

| <b>Subcategorias</b>                                   | <b>Total</b> | <b>Indicadores</b> | <b>Nº U.R.</b> |
|--|--------------|--------------------|----------------|
| Pertinência da abordagem                               | 4            | ▪ Muito pertinente | 2              |
|  |              | ▪ Pertinente       | 1              |
|  |              | ▪ Pouco pertinente | 1              |
| Frequência da abordagem                                | 8            | ▪ Semanalmente     | 3              |
|  |              | ▪ Esporadicamente  | 5              |
| Materiais utilizados para abordar a música tradicional | 11           | ▪ Manual escolar   | 7              |
|  |              | ▪ Vários           | 4              |
| Sensibilidade dos alunos perante a música tradicional  | 14           | ▪ Sensíveis        | 6              |
|  |              | ▪ Pouco sensíveis  | 5              |
|  |              | ▪ Indiferentes     | 3              |

Tabela 7- Categoria III – Opiniões dos entrevistados quanto à planificação das aulas.

| <b>Subcategorias</b>   | <b>Total</b> | <b>Indicadores</b>     | <b>Nº U.R.</b> |
|--|--------------|------------------------|----------------|
| Presença dos gostos musicais dos alunos nas planificações  | 11           | ▪ Sim                  | 8              |
|  |              | ▪ Raramente            | 3              |
| Como é feita a motivação na introdução de novas actividades  | 13           | ▪ Vídeos/CD's          | 3              |
|  |              | ▪ Recurso aos alunos   | 6              |
|  |              | ▪ Materiais diferentes | 4              |
| Géneros musicais de maior interesse dos alunos   | 15           | ▪ Actuais              | 8              |
|  |              | ▪ Pop/Rock ligeiro     | 5              |
|  |              | ▪ Variam               | 2              |
| Estratégias utilizadas na abordagem de géneros musicais considerados de menor interesse pelos alunos | 8            | ▪ Pouco abordado       | 4              |
|  |              | ▪ Inovação             | 1              |
|  |              | ▪ Aprender/Brincando   | 3              |

Tabela 8- Categoria IV – Opiniões dos entrevistados quanto à frequência de grupos de folclore por parte dos alunos e implicações educativas.

| <b>Subcategorias</b>  | <b>Total</b> | <b>Indicadores</b>                        | <b>Nº U.R.</b> |
|---|--------------|---|----------------|
| O conhecimento musical transmitido nos grupos de folclore é considerado | 8            | ▪ Suficiente                              | 5              |
|   |              | ▪ Insuficiente                            | 3              |
| Influência nos gostos musicais dos alunos                               | 9            | ▪ Apura o gosto                           | 2              |
|   |              | ▪ Sensibilização                          | 5              |
|   |              | ▪ Influencia                              | 2              |
| Implicações educativas  | 18           | ▪ Sensibilização                          | 2              |
|   |              | ▪ Bons ouvintes                           | 5              |
|   |              | ▪ Aquisição de valores                    | 8              |
|   |              | ▪ Melhores alunos                         | 3              |
| Funções e finalidades do grupo  | 20           | ▪ Socializar                              | 3              |
|   |              | ▪ Convívio                                | 4              |
|   |              | ▪ Manter as tradições                     | 9              |
|   |              | ▪ Incutir o gosto pela música tradicional | 6              |

Tabela 9- Categoria V – Implicações da abordagem da música popular/folclórica na vida social e cultural dos alunos.

| <b>Subcategorias</b>                      | <b>Total</b> | <b>Indicadores</b> | <b>Nº U.R.</b> |
|---|--------------|--------------------|----------------|
| Implicações sociais e culturais           | 9            | ▪ Mais activos     | 4              |
|   |              | ▪ Conhecimento     | 3              |
|   |              | ▪ Socialização     | 2              |
| Influência nos gostos musicais dos alunos | 4            | ▪ Não              | 4              |



Tabela 10- Categoria VI - Hábitos de audição dos docentes

| <b>Subcategorias</b>                     | <b>Total</b> | <b>Indicadores</b>                                | <b>Nº U.R.</b> |
|--|--------------|---|----------------|
| Audição de música tradicional portuguesa | 9            | ▪ Sim<br>▪ Às vezes                               | 6<br>3         |
| Com que frequência                       | 4            | ▪ Semanalmente<br>▪ Muito frequente               | 3<br>1         |
| Contexto                                 | 7            | ▪ Casa/Convívios<br>▪ Carro<br>▪ Festas populares | 2<br>3<br>2    |

A tabela seguinte apresenta de forma compactada toda a informação contida nas tabelas anteriores. Às 200 unidades de registo estão associados 50 indicadores, que se encontram distribuídos pelas 6 Categorias e 19 Subcategorias.

Ao analisar a tabela 11 podemos verificar que predominam duas categorias. Como primeira categoria temos: opiniões dos entrevistados quanto à frequência de grupos de folclore por parte dos alunos e implicações educativas (27%), em que a subcategoria que mais se evidencia é: funções e finalidades dos grupos com 9,5%, e logo de seguida implicações educativas com 9%.

Como segunda categoria temos: opiniões dos entrevistados quanto à planificação das aulas. Aqui as subcategorias com melhor representatividade são: géneros musicais de maior interesse dos alunos, com 7,5%, e como é feita a motivação na introdução de novas actividades, com 6,5%.

Tabela 11 - Análise quantitativa do conteúdo das entrevistas.

| <b>Categorias</b>  | <b>%</b>    | <b>Subcategorias</b>   | <b>Nº de indicadores</b> | <b>Nº U.R.</b> | <b>% U.R.</b> |
|--|-------------|--|--------------------------|----------------|---------------|
| Categoria I - Expectativas e opiniões dos entrevistados quanto ao currículo.   | 14,5%       | Música popular portuguesa no Currículo de Educação Musical   | 2                        | 12             | 6%            |
|  |             | Alterações que efectuava no currículo  | 3                        | 17             | 8,5%          |
| Categoria II – Opiniões dos entrevistados quanto à abordagem da música tradicional portuguesa/Folclore.                            | 18,5%       | Frequência da abordagem  | 3                        | 4              | 2%            |
|  |             | Pertinência da abordagem   | 2                        | 8              | 4%            |
|  |             | Materiais utilizados para abordar a música tradicional   | 2                        | 11             | 5,5%          |
|  |             | Sensibilidade dos alunos perante a música tradicional  | 3                        | 14             | 7%            |
| Categoria III - Opiniões dos entrevistados quanto à planificação das aulas.  | 23,5%       | Presença dos gostos musicais dos alunos nas planificações  | 3                        | 11             | 5,5%          |
|  |             | Como é feita a motivação na introdução de novas actividades  | 2                        | 13             | 6,5%          |
|  |             | Géneros musicais de maior interesse dos alunos   | 2                        | 15             | 7,5%          |
|  |             | Estratégias utilizadas na abordagem de géneros musicais considerados de menor interesse pelos alunos | 3                        | 8              | 4%            |
| Categoria IV – Opiniões dos entrevistados quanto à frequência de grupos de folclore por parte dos alunos e implicações educativas. | 27%         | O conhecimento musical transmitido nos grupos de folclore é considerado                              | 2                        | 8              | 4%            |
|  |             | Influência nos gostos musicais dos alunos  | 3                        | 9              | 4,5%          |
|  |             | Implicações educativas   | 4                        | 18             | 9%            |
|  |             | Funções e finalidades do grupo   | 4                        | 19             | 9,5%          |
| Categoria V – Implicações da abordagem da música popular/folclórica na vida social e cultural dos alunos.                          | 6,5%        | Implicações sociais e culturais  | 3                        | 9              | 4,5%          |
|  |             | Influência nos gostos musicais dos alunos  | 1                        | 4              | 2%            |
| Categoria VI – Hábitos de audição dos docentes.  | 10%         | Audição de música tradicional portuguesa   | 2                        | 9              | 4,5%          |
|  |             | Com que frequência   | 2                        | 4              | 2%            |
|  |             | Contexto   | 3                        | 7              | 3,5%          |
| <b>Total</b>   | <b>100%</b> | <b>19</b>  | <b>50</b>                | <b>200</b>     | <b>100%</b>   |

### **4.3 - Sumário**

Neste capítulo são apresentados os dados recolhidos através dos instrumentos de recolha de dados (questionários e entrevistas). Para facilitar a leitura e interpretação, os dados foram apresentados sob a forma de gráficos ou tabelas.



## V CAPÍTULO – INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA INVESTIGAÇÃO

### 5.0 - Introdução e Finalidades

Ao longo deste capítulo, os dados serão apresentados a partir da recolha feita através dos questionários e entrevistas. Todos os dados foram analisados e interpretados a partir da triangulação de dados, para assim poder ter uma visão real da questão em estudo.

### 5.1 - Escolha e Representatividade da Amostra

Como já vem acontecendo há alguns anos, e contrariando um pouco o comum, grande parte das turmas deste Agrupamento é constituída maioritariamente por alunos do sexo masculino. Como podemos verificar, dos 174 alunos que responderam ao inquérito, 43,7% (n=76) são do sexo feminino e 56,3% (n=98) do sexo masculino. Somente na classe dos doze e treze anos é que há mais alunos do sexo feminino, embora a diferença não seja muito significativa (duas alunas em cada classe).

Ao nível da área de residência, e, uma vez que este foi um dos critérios utilizados na selecção da amostra, todas as freguesias que fazem parte do AEGS estão representadas. No 5º ano a freguesia mais representada é Nossa Senhora do Amparo, que se situa no centro da Vila, com 42,9% (n=39), logo seguida de Santo Emilião com 13,3% (n=12). No 7º ano, as mesmas são as mais representativas, mas Santo Emilião encontra-se em primeiro lugar, com 23,2% (n=19) seguido de Nossa Senhora do Amparo com 20,7% (n=17). É de salientar que estas duas freguesias são as que têm maior densidade populacional, o que acaba por justificar o número de alunos que frequentam o AEGS.

No total (5º e 7º anos), temos 32,2% (n=56) de alunos provenientes da freguesia de Nossa Senhora do Amparo, 17,8% (n=31) de Santo Emilião, 5,7% (n=10) de Serzedelo,

5,2% (n=9) de Campos, 4,6% (n=8) de Calvos, e 4% (n=7) de Vilela. Com 2,9% (n=5) temos representadas as freguesias de Galegos e Frades, com 2,3% (n=4) Ferreiros, Rendufinho e Friande, com 1,7% (n=3) Monsul, Aguas Santas, Covelas e com 1,1% (n=2) Lanhoso, Verim, Ajude, Geraz do Minho, Louredo, S. João de Rei e Moure. De referir ainda que 4,6% (n=8) dos alunos não reside na área do AEGS. Estes alunos estão a frequentar o AEGS, porque os seus progenitores se encontram a trabalhar na Vila.

## 5.2 - Frequência de Grupos de Folclore

Na análise dos inquéritos, foi possível verificar que há 12 alunos (6,9%) que frequentam grupos de folclore, sendo 8 (4,6%) alunos do 5º ano e 4 (2,3%) do 7º ano. Destes 12 alunos, 5 (2,9%) são do sexo feminino e 7 (4%) são do sexo masculino. Todos os discentes referiram que têm familiares directos (pai, mãe, avós, tios e primos) a frequentar o mesmo grupo de folclore, o que poderá ter alguma influência, embora indirecta, no facto de estarem inseridos no grupo. Nas entrevistas realizadas, podemos constatar a mesma opinião através das seguintes expressões:

*(...) muitos dos alunos acompanham os pais e, provavelmente, alguns deles, desde pequenos, que assistem a ensaios e actuações, o que provavelmente fará com que integrem ou venham a integrar um grupo. Estes, provavelmente, terão o gosto mais apurado e conhecerão melhor a música tradicional da freguesia e mesmo do nosso país (Prof2, 15/12/2010).*

*(...) fazer parte de um grupo é uma oportunidade que os nossos alunos têm de enriquecimento cultural, e também em conseguir manter vivas as tradições do nosso povo. A família, também tem um papel importante, pois se frequenta um grupo pode começar a criar o gosto nas crianças, por exemplo quando as leva às actuações. Não nos podemos esquecer que grande parte das pessoas que vivem nas aldeias levam consigo os filhos para todo o lado que vão (Prof4, 17/12/2010).*

Podemos afirmar que os alunos que frequentam o 7º ano de escolaridade são os que permanecem há mais tempo no grupo (1 aluno há 3 anos e 3 alunos há 4 ou mais anos), pois ao nível do 5º ano, apesar de ter mais alunos a frequentar grupos de folclore, dois alunos frequentam-no há menos de um ano, e três frequentam-no há 1 e 2 anos respectivamente. Reflectindo um pouco, esta situação é normal, uma vez que os alunos que

frequentam grupos de folclore no 7º ano integraram-no com a mesma idade dos alunos que actualmente estão no 5º ano.

Somente dois alunos (que frequentam o 5º ano) referiram fazer parte do grupo por convite, pois os restantes (n=10) mencionaram integrar o mesmo por interesse próprio. Podemos ainda acrescentar que nos 174 inquiridos não houve alunos que tivessem referido já ter frequentado um grupo e terem desistido, o que nos leva a concluir que quando têm interesse nas actividades levam-nas a sério e não desistem facilmente, como é o caso dos alunos supramencionados.

Dos restantes alunos do 5º (n=83) e 7º anos (n=79), 16 alunos referiram gostar de pertencer a um grupo de folclore (8 em cada ano). Quando inquiridos, somente 27,5% (n=25) dos alunos do 5ºano e 39,8% (n=33) dos de 7º ano consideraram importante pertencer a um grupo de folclore.

Pertencer a um grupo de folclore pode trazer mais-valias e ter implicações educativas.

*Primeiro o saber estar em grupo, cantar em grupo e tocar em grupo é muito importante, e é muito diferente de tocar individualmente. Essa parte é importante, incutindo regras, com certeza! É pouco, mas eu acho que é alguma coisa. E talvez despertar o gosto pela música (Prof1, 13/12/2010).*

*Além da parte recreativa, que é muito importante, se se gostar de cantar, tocar e tudo isso, no fundo acho que é uma questão de perpetuar no tempo as nossas tradições, embora considere que às vezes não se faz isso muito bem. Às vezes, desvia-se um bocadinho do que realmente é tradicional para tornar a coisa mais viva, mais alegre, mas acaba-se sempre por criar o “bichinho” da música (Prof2, 15/12/2010).*

Quando solicitados a descreverem duas vantagens de pertencer a um grupo de folclore, a maioria dos alunos 24,7% (n=45) do 5º ano e 31,3% (n=52) do 7º indicaram respostas que foram integradas no critério de referência “conhecimento do património”. 21,4% (n=39) dos alunos de 5º ano e 26,5% (n=44) de 7º deram respostas que foram integradas no critério de referência “actividades de dança”. Também as “actividades vocais” foram eleitas por 15,4% (n=28) dos alunos de 5º ano e por 12% (n=20) que frequentam o 7º, assim como o “convívio” foi mencionado por 22,5% (n=41) dos alunos de 5º e por 16,9% (n=28) do 7º ano.

Numa análise geral (5<sup>o</sup> e 7<sup>o</sup> anos), verificamos que o critério de referência “conhecimento do património” é o mais representativo com 27,9% (n=97), seguido de “actividades de dança” com 23,8% (n=83). No critério de referência “actividades instrumentais” foram integradas 14,7% (n=51) das respostas, enquanto no critério “convívio” foram inseridas 19,8% (n=69) das respostas. Por último, no critério de referência “actividades vocais” foram introduzidas 13,8% (n=48).

Perante estes dados, podemos concluir que os alunos do AEGS estão sensíveis ao conhecimento do património, reconhecendo que nos grupos de folclore podem adquirir ou enriquecer esse mesmo conhecimento. Para além deste, podem ainda desenvolver actividades ligadas a instrumentos, dança e voz, o que para os alunos é considerado uma vantagem. Estes grupos são ainda mencionados como veículo de promoção e incentivo ao convívio.

*(...) os alunos que frequentam grupos de folclore são os meus melhores alunos, têm melhor ouvido e melhor sentido rítmico (...) muitas vezes recorro a esses alunos para abordar conteúdos novos. Eles tocam um instrumento e depois abordo a música tradicional. Assim, eles podem ver e ouvir um instrumento que faz parte da música tradicional (Prof3, 14/12/2010).*

*(...) sabemos que os conhecimentos que transmitem, talvez sejam os possíveis, mas às vezes exagera-se na parte vocal, mas dá para os alunos terem uma noção da música tradicional, embora muitas vezes alterada, pois tenta-se embelezar melodias que na sua origem eram simples (Prof4, 17/12/2010).*

Ao nível das desvantagens, as opções mais mencionadas foram inseridas no critério de referência “falta de tempo” no 5<sup>o</sup> ano com 29,6% (n=47) e no 7<sup>o</sup> com 29,3% (n=39). No geral (5<sup>o</sup> e 7<sup>o</sup> anos), esta desvantagem foi mencionada por 24,7% (n=86) seguida pelo critério de referência “não refere desvantagens” com 16,1% (n=56). De salientar que neste critério foram inseridas as respostas “não há desvantagens”, “não sei nenhuma desvantagem” ou ainda “não me lembro de nenhuma”. Em terceiro lugar, temos o critério “não gosto de música popular” com 18,1% (n=63), seguido de “ser gozado” com 15,5% (n=54). Por último, é de referir que 9,5% (n=33) dos alunos mencionam como desvantagem de frequentar um grupo o facto de “poder ter acidentes”.



### 5.3 - Preferências Musicais

Quando questionados sobre a opinião relativamente ao gosto da música tradicional da sua região, somente 8,8% (n=8) dos alunos do 5º ano e 2,4% (n=2) do 7º referiram gostar muito deste género musical. A opção mais escolhida pelo 5º e 7º anos foi “gosto pouco” com 36,3% (n=33) e 41,0% (n=34) respectivamente. Acrescenta-se, ainda, que 29,7% (n=27) dos alunos que frequentam o 5º ano e 28,9% (n=24) dos que frequentam o 7º ano afirmaram não gostar da música popular da região, enquanto 25,3% (n=23) dos alunos de 5º ano e 27,7% (n=23) dos de 7º declararam gostar deste género musical.

Numa análise geral, podemos concluir que a opção mais escolhida pelos alunos foi “gosto pouco”, enquanto a menos escolhida foi “gosto muito”. No entanto, é curioso o facto de 53,8% (n=49) dos alunos que frequentam o 5º ano referirem possuir hábitos de audição ou visão de actuações de música popular portuguesa e/ou folclore. No 7º ano somente 37,3% (n=31) dos alunos é que possuem estes mesmos hábitos.

Nas entrevistas realizadas, podemos constatar a mesma opinião através das seguintes expressões:

*A música tradicional já foi mais abordada aqui há uns anos, agora é muito pouco abordada. Eu acho que é porque os miúdos, hoje, estão pouco sensíveis. Se reparares, o que eles ouvem hoje na rádio, na televisão e tudo isso, pouco passa pela música popular e tradicional portuguesa, a não ser o que trazem das aldeias e das freguesias, porque eles não estão habituados a ouvir. Mais tarde acredito que sim (porf1, 13/12/2010).*

*(...) não é fácil sensibilizar os alunos para a música tradicional portuguesa, no entanto quando a mesma é abordada e sobretudo ouvida, eles acabam por verificar que afinal também temos música boa ao nível da melodia e do ritmo. Apesar de tudo, e porque são os géneros que ouvem diariamente em casa e na aldeia, este é relegado para último plano (Prof4,17/12/2010).*

Ao nível dos gostos musicais, o género preferido dos alunos que frequentam o AEGS é o Pop/Rock, tendo este sido escolhido por 79,1% (n=72) dos alunos de 5º ano e por 72,3% (n=60) dos alunos de 7º ano. O género musical de menor preferência é a música clássica com 3,3% (n=3) no 5º ano e 2,4% (n=2) no 7º.

A música folclórica foi escolhida por 11% (n=10) dos alunos do 5º ano e 14,5% (n=12) dos alunos do 7º ano, enquanto a música popular foi eleita por 6,6% (n=6) dos alunos do 5º e 10,8% (n=9) dos alunos de 7º ano.

*Na idade de 5º e 6º anos, embora pareça um contra censo, eles estão muito pouco sensíveis a isso, embora o fiquem mais tarde. Isto a nível urbano. Aqui, a nível da Póvoa, ainda trazem das aldeias alguma coisa, mas não são muito sensíveis a isso, eles gostam de outro tipo de música e nos meios urbanos acho que há uma tendência muito grande para recuperar a música tradicional portuguesa nas escolas, mais que nos meios rurais (Prof1, 13/12/2010).*

Quando inquiridos sobre as razões que contribuíram para a escolha do género musical preferido, a opção escolhida em primeiro lugar pela maioria dos alunos que frequentam o 5º ano foi «Soa melhor e vai de encontro aos meus gostos», em segundo lugar «É mais alegre e ritmada» com 28,6% (n=26). Com 30,8% (n=28) em terceiro lugar «Faz-me sentir bem» com 33% (n=30), e em quarto lugar «Faz-me perceber melhor a cultura do meu país» 11% (n=10).

A maioria dos alunos de 7º ano escolheu como primeira opção «Soa melhor e vai de encontro aos meus gostos», com 39,8% (n=33), como segunda «Faz-me sentir bem» com 36,1% (n=30), como terceira «É mais alegre e ritmada» com 42,2% (n=35), e por último «Faz-me perceber melhor a cultura do meu país» com 79,2% (=61).

No entanto, todos os géneros musicais são abordados com maior ou menor frequência, como é possível verificar através de expressões mencionadas nas entrevistas:

*Abordo todos os géneros musicais, até porque quando faço a planificação das aulas tenho-os sempre presentes. Os nossos alunos variam muito nos gostos, pois preferem sempre os actuais, mas para os sensibilizar para os géneros de menor interesse faço-o aprendendo/brincando (Prof2, 13/12/2010).*

*(...) não nos podemos esquecer que temos um programa a cumprir. No entanto, também temos alguma liberdade na escolha do repertório a utilizar. Nós temos os nossos gostos, mas para saber se realmente gostamos de determinado género musical temos que conhecer os outros. Quando abordo um género musical e vejo que o feedback por parte dos alunos não é o desejado tento não massacrar (Prof4, 17/12/2010).*

#### **5.4 - Abordagem do Folclore na Disciplina de Educação Musical**

Ao nível da abordagem da música folclórica e popular na disciplina de Educação Musical em anos lectivos anteriores, é notória a escolha de “1 a 4 vezes” pelos alunos de 5º

e 7º anos com 84,6% (n=77) e 66,3% (n=55) respectivamente. No entanto, ainda há 8,8% (n=8) de alunos que frequentam o 5º ano que referem ter abordado 13 ou mais vezes a música folclórica e popular.

*(...) neste momento, considero fraca porque acho que é muito pouco abordado. Já era abordada aqui há uns anos. Era mais abordada. Agora, é muito pouco. (Prof1, 13/12/2010).*

*(...) é necessário começar a alterar ou mudar mentalidades. Sabemos que as nossas crianças não são muito adeptas deste género musical. No entanto, também sabemos que desde muito cedo, desde o colo, são adormecidas com canções tradicionais portuguesas. Temos que começar a insistir mais na música tradicional e fazer com que os nossos alunos a apreciem (Prof2, 17/12/2010).*

*(...) os manuais adoptados na escola falam muito pouco do assunto e eu tento seguir o manual. É o meu método (Prof3, 14/12/2010).*

Após análise dos inquéritos, verificou-se que os alunos que indicaram esta opção são oriundos da freguesia de Serzedelo, o que nos leva a concluir que a docente do 1º ciclo ou a Professora das AEC's abordava com alguma frequência este género musical.

*Pessoalmente não é o meu género musical preferido, mas reconheço que há Professores a fazer trabalhos excelentes com os alunos ao nível da música tradicional portuguesa. Com esta idade não vou mudar (Prof1, 13/12/2010).*

*(...) Para sensibilizar os alunos, primeiro temos nós que estar sensíveis para este género musical. Apesar de abordar a música tradicional, não lhe dedico muito tempo, pois sabemos que o concelho da Póvoa de Lanhoso é muito rico ao nível de grupos de folclore, e divulgam e sensibilizam muito bem para este género musical (Prof4, 15/12/2010).*

Quando questionados sobre a necessidade de abordar com maior frequência a música tradicional e folclórica, 30,8% (n=28) dos alunos do 5º ano e 61,4% (n=51) dos de 7º julgam pertinente fazer essa abordagem com maior frequência.

*A abordagem quinzenal, aí de quinze minutinhos, chega muito bem. Não vale a pena insistir muito. Neste meio, eles também já trazem muitos hábitos de casa. Já costumam ouvir e assistir com alguma frequência a actuações, quanto mais não seja, nas festas que se realizam nas freguesias (Prof2, 15/12/2010).*

*Todos os géneros musicais são importantes. Reconheço a necessidade de preservar e divulgar a nossa música. No entanto, também é importante transmitir aos nossos alunos conhecimentos musicais de outras culturas e outros géneros musicais (Prof3, 14/12/2010).*

Após análise de todos os inquéritos, é possível afirmar que os alunos que escolheram a música popular ou folclórica como género musical preferido, que declararam gostar muito, ou gostar de música popular e folclórica, que colocaram em primeiro ou segundo lugar a opção “Faz-me perceber melhor a cultura do meu país”, são os alunos que frequentam grupos de folclore, e/ou que no 5º ano indicaram ter abordado a música folclórica 13 ou mais vezes. Estes alunos referiram, também, possuir hábitos de audição ou visão de actuações de folclore.

*(...) a música tradicional portuguesa sempre fez parte da minha vida, porque a minha família toda está envolvida nela. Só eu é que não sei tocar concertina quase na família toda. Ela faz parte de mim. Ao fim de semana, o meu pai toca para os netos, a minha mãe canta, portanto, ela faz parte da minha pessoa (Prof3, 14/12/2010).*

## **5.5 - Sumário**

Neste capítulo foi feita uma síntese da interpretação dos dados obtidos através da revisão da literatura e da análise dos questionários e entrevistas realizados no AEGS. São abordados os temas Frequência de Grupos de Folclore, Preferências Musicais, e Abordagem do Folclore na Disciplina de Educação Musical. É ainda feita referência à Frequência de Grupos de Folclore por parte dos alunos. Tendo em conta os dados recolhidos através dos inquéritos e entrevistas foi possível fazer a triangulação de dados.

## **VI CAPÍTULO – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

### **6.0 - Introdução de Finalidades**

Este capítulo encontra-se dividido em três secções. Na primeira, é feita uma revisão dos aspectos fundamentais do estudo, focando os objectivos e as questões da investigação, assim como algumas das opções metodológicas. Na secção dois, são descritas as principais conclusões do estudo e por fim, na secção três, são apresentadas algumas sugestões que podem servir para trabalhos futuros sobre esta temática.

### **6.1 - Sumário dos Capítulos**

O primeiro capítulo contextualiza o tema da pesquisa, dando-nos a conhecer o meio onde a mesma é desenvolvida. São apresentadas as questões e objectivos que nortearam toda a pesquisa, assim como as palavras-chave e a organização do estudo.

No segundo capítulo é apresentada a revisão da literatura, fazendo uma breve abordagem à evolução da disciplina de Educação Musical, à Educação Artística na Área da Música, e ao papel da Música na Educação. São focadas as Funções/Implicações Sociais da Música Tradicional Portuguesa e da Música Tradicional e a sua vertente Folclórica. Aborda-se a Música folclórica no currículo, e fazem-se referências a Abordagens Curriculares/Modelos Pedagógicos.

No capítulo três é apresentada a selecção da metodologia, as características do estudo, as vantagens e desvantagens, são apresentados os instrumentos de recolha de dados, o plano de acção assim como a amostra. Por último é feita referência à forma como se vai proceder à análise dos dados recorrendo à triangulação de dados e aos cuidados tidos com as questões éticas.

No capítulo quatro, são apresentados os dados recolhidos através dos instrumentos de recolha de dados (questionários e entrevistas). Para facilitar a leitura e interpretação, os dados foram apresentados sob a forma de gráficos ou tabelas.

No quinto N foi feita uma síntese da interpretação dos dados obtidos através da revisão da literatura e da análise dos questionários e entrevistas realizados no AEGS. São abordados os temas Frequência de Grupos de Folclore, Preferências Musicais, e Abordagem do Folclore na Disciplina de Educação Musical. É ainda feita referência à Frequência de Grupos de Folclore por parte dos alunos. Tendo em conta os dados recolhidos através dos inquéritos e entrevistas foi possível fazer a triangulação de dados.

Com a realização desta investigação, foi possível entender a importância atribuída pelos alunos e Professores do AEGS à música tradicional portuguesa e folclórica. Para tal, foi questionado um grupo de 174 alunos, composto por 91 alunos de 5º ano e 83 de 7º, sendo, também, entrevistados os quatro docentes que leccionam Educação Musical ao 2º CEB no AEGS.

## **6.2 - O Papel dos Grupos de Folclore**

A opção de investigar um género musical em determinada área geográfica tem algumas implicações ao nível da comunidade local, pois estamos a tentar descobrir as suas raízes e identidade, e a forma como as tentam preservar e manter vivas.

Os Agrupamentos de Folclore são o local onde qualquer jovem interessado pode aprender a dançar, cantar ou tocar um instrumento, considerados de grande valor no local onde estão inseridos. Carmo (1994) defende que o nosso país é considerado como detentor de grande valor etnográfico e de uma invulgar diversidade de formas de expressão. Neste momento, não são só as gerações mais velhas a frequentar os grupos pois os jovens também começam já a fazer parte deles, podendo aproveitar este espaço para desenvolver algumas das suas aptidões e competências sociais, que segundo Peery (1987) lhes podem ser úteis no decurso da sua vida. Os grupos são considerados veículos transmissores da música tradicional portuguesa, detentores das nossas raízes e da nossa tradição (Sardo, 1988).

Quando os jovens participam em grupos de folclore, as vivências da Música Tradicional e Popular Folclórica podem ajudá-los e integrarem-se melhor na comunidade, tornando-se, assim, elementos mais activos.

Ao nível cultural também desempenham um papel fundamental, pois de acordo com Ilari (2003), Guerra (2002) e Patrício (1993), o meio onde estamos inseridos exerce uma grande influência sobre o nosso desenvolvimento e sobre a nossa cultura. Se estamos habituados a ouvir ou assistir a actuações de grupos de folclore, provavelmente estamos mais sensíveis a este género musical.

O Concelho da Póvoa de Lanhoso é bastante rico ao nível de Agrupamentos de Folclore, logo tem uma cultura razoável ao nível das tradições. No entanto, e tendo presente a investigação, o número de alunos que frequenta grupos de folclore (12 alunos) é considerado bastante reduzido, pois estamos a falar de uma amostra composta por 174 alunos.

Sabemos que todos os alunos que frequentam Agrupamentos de Folclore também têm familiares directos nos grupos, o que nos leva a concluir que a Música Popular Folclórica é transmitida de geração em geração, e que os hábitos familiares exercem bastante influência sobre nós. Porém, ao nível dos conhecimentos transmitidos pelos Agrupamentos de Folclore, embora se julgue não serem os suficientes, são considerados uma mais-valia.

*É possível que transmitam alguns conhecimentos, mas não o suficiente, por exemplo ao nível da interpretação (Prof1, 13/12/2010).*

Quanto à influência que os grupos podem ter nos gostos musicais dos alunos, os mesmos não são considerados relevantes, pois *os miúdos não são influenciados, porque têm uma cabeça bastante eclética e eles conseguem absorver vários géneros musicais ao mesmo tempo e se a música popular for executada e cantada, eles conseguem* (Prof4, 17/12/2010).

### 6.3 - O Papel do Professor de Educação Musical

Muitas vezes, a disciplina de Educação Musical é vista como um espaço de lazer e não essencial à formação e educação dos nossos alunos. Todavia, sabemos que a mesma é importante no desenvolvimento do currículo, e está ligada a outras áreas do saber.

O Professor atento é o que se actualiza e está alerta para as mudanças sociais, Profissionais e educativas. Estas impõem ao Professor que este tire o máximo proveito das pedagogias mais adequadas à realidade com que se depara no dia-a-dia na sua escola, com os seus alunos. É nesta perspectiva que o Professor deve tirar o máximo proveito das capacidades dos seus alunos, não esquecendo que as suas necessidades e interesses são imprescindíveis neste processo de ensino aprendizagem.

Se atentarmos à teoria das “Inteligências Múltiplas” de Howard Gardner, poderemos compreender o quão importa valorizar toda e qualquer capacidade que o aluno apresente. A abordagem do folclore pode desenvolver as várias capacidades dos alunos e contribuir para que todos eles desenvolvam e apresentem as suas várias inteligências.

O Professor deve ter presente nas suas planificações a abordagem da música tradicional e folclórica. Contudo, e apesar de considerarem (...) *fundamental a abordagem da música tradicional portuguesa, porque é a nossa cultura, as nossas origens, e faz parte do nosso património* (Prof2, 14/12/2010), a mesma é feita muito esporadicamente, pois quando questionados sobre o número de vezes que abordaram a música tradicional e folclórica no ano lectivo anterior, 75,9% (n=132) dos alunos referiram terem-na abordado somente de 1 a 4 vezes.

Sabemos que os docentes que leccionam no AEGS possuem hábitos de audição e vivência da música tradicional e popular folclórica. No entanto, ao nível da leccionação é-lhe dada pouca importância. (...) *eles já trazem essas vivências das aldeias e das freguesias* (porf4, 17/12/2010) e (...) *tento seguir o manual. Ao nível da música tradicional e folclórica há poucos exemplos* (Prof3, 15/12/2010). Para além do que consta no manual adoptado na escola, o Professor de Educação Musical deve ter conhecimento do Património Musical Tradicional, não se limitando a teorizar a aula, mas a ter um conhecimento Profundo e prático, quiçá ser um bom executante e apreciador de um instrumento tradicional.

Há docentes que introduzem novos conceitos através da música tradicional portuguesa, (...) *mais músicas didácticas tradicionais portuguesas é fácil de as ir buscar,*



*antigamente apareciam muitas, mesmo para abordagem da semicolcheia, agora não. Agora é muito raro, mas temos que as procurar* (Prof1, 13/12/2010), e, de acordo com Torres (1998), é o género musical com que os alunos mais se identificam, uma vez que desde cedo ouvem estas canções. Nas aulas de Educação Musical e, como refere Azevedo (1984), devemos ter sempre presente a música do nosso país, pois assim desenvolvemos a percepção dos elementos que a constroem.

Como refere Lopes-Graça (1991), os alunos devem conviver diariamente com a música tradicional do seu país e, relativamente a este assunto, a escola e Professores de Educação Musical têm que mudar, pois a divulgação e preservação da Música Tradicional e Folclórica não pode ficar somente a cargo das famílias e dos grupos de folclore. Quando falamos na abordagem da Música Tradicional e Folclórica, não nos referimos somente à parte auditiva, porque, mais importante que ouvir, é experimentar e vivenciar.

Não nos podemos esquecer que no futuro serão os nossos alunos os transmissores deste nosso património, tão rico e valioso, às novas gerações.

#### **6.4 - Valência da Música Popular Folclórica**

Apesar de existirem poucos alunos no AEGS a frequentar grupos de folclore, 45,5% (n=79) referiram ser importante incidir mais sobre a abordagem deste género nas aulas de Educação Musical, talvez pelo facto de nos anos lectivos anteriores a abordagem ter sido reduzida.

Como já mencionado anteriormente, alguns dos alunos possuem hábitos de audição e frequência de actuações de folclore, assim como os docentes que leccionam Educação Musical no AEGS. No entanto, também é possível verificar que uma grande parte dos alunos afirmaram não gostar ou gostar pouco de música tradicional e folclórica, destacando como género de música preferido o Pop/Rock.

É fundamental a abordagem da música tradicional portuguesa, porque é a nossa cultura, as nossas origens, e faz parte do nosso património (...) *é necessário que entendam que o que é nosso é rico e é necessário preservar - o património cultural e artístico. Não são só as igrejas e os monumentos* (Prof1, 13/12/2010).

### **6.5 - Sugestões**

Como sugestão para futuras investigações, julgamos que seria útil alargar este tipo de estudo a todas as turmas que frequentam o AEGS, e mesmo à EB 2,3 de Taíde, tendo por base os mesmos critérios para, assim, poder ter uma visão mais real da situação em estudo. Seria, também, importante conhecer a opinião dos responsáveis dos Agrupamentos de Folclore existentes no concelho da Póvoa de Lanhoso relativamente ao problema da investigação.

Os Encarregados de Educação também poderiam ser inquiridos, no sentido de averiguar a pertinência dos seus educandos fazerem parte de um Agrupamento de Folclore ao nível do seu desenvolvimento integral enquanto pessoas.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação*, Coleção em foco, Lisboa: Edições ASA.
- Antunes, C.(2004). *As inteligências múltiplas e seus estímulos*. Porto: Edições ASA.
- Azevedo, L. (1984). Educação Auditiva e Música Tradicional. *APEM*, nº 41, Abril, 17-18.
- Bogdan, C. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*, Coleção das Ciências da Educação, Porto: Porto Editora.
- Cabral, A. (1988), Situação e Problemas do Ensino da Música em Portugal. *APEM*, nº 56, Janeiro/Março, 15-21.
- Cabral, J. (2009). *Gonçalo Sampaio Vida e Obra* Pensamento e Acção, Póvoa de Lanhoso: Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso.
- Campbell, L., Campbell, B. & Dickinson, (2000). *Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas*, 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed.
- Carmo, F. (1994). *Música tradicional Portuguesa*. Vol. I, Amadora: Editora Portuguesa de Livros Lda.
- Castelo-Branco, S. & Branco, J.(2003). *Vozes do Povo: a Folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Castelo-Branco, S. (1987). Reflexões sobre a mudança musical. *APEM*, nº 52, Janeiro/Março, 18-19.
- Castro, A. (2000). Uma visão sobre a avaliação em Educação Musical no 2º ciclo do Ensino Regular Básico. *APEM*. Vol. 104, Janeiro/Março, 17-19.

- 
- Coquet, E. (2006). São Mateus, cap. XXV, v. de 14 a 30 ou, de como os caminhos da investigação retomam as parábolas do Sec. I. *Ensinarte*, 7,8, Inverno/Primavera, 11-21.
- Correia, M. & Neves, R. (1987). «Sementes» e a Etnomusicologia em Portugal. *APEM*, nº 52, Janeiro/Março, 32.
- Coutinho, C. & Chaves, J. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (1), pp. 221-244. CIED - Universidade do Minho.
- Cruz, C. (1988). Zoltan Kodály – Um Novo conceito de Formação Musical e a sua aplicação nas escolas húngaras. *APEM*, nº 56, Janeiro/Março, 10-14.
- Dias, J. (1990). Estudos de Antropologia, *vol. I, colecção Temas Portugueses*. Lisboa; Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Eça, T. (2003). Boas Vindas à Criatividade e Inovação nas Escolas. In Red Visual <http://www.redvisual.net/pdf/9-10/art7.pdf>, acedido em 02 de Novembro de 2009.
- Filho, J. (2004). *Agrupamentos de Folclore Ontem e Hoje*. Lisboa: Edições INATEL.
- Fonterrada, M. (2003). *De tramas e fios Um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: UNESP.
- Freitas, C. (2003). O Currículo Mutilado: A persistência do preconceito academista nas escolas portuguesas, in *II Encontro de História do Ensino da Música em Portugal*. Braga: Instituto de Estudos da Criança Universidade do Minho.
- Gandra, M. (2006). A EA em Portugal – Qual o seu papel no actual contexto da sociedade portuguesa? [www.educacao-artistica.gov.pt/intervenções/mariogandra.pdf](http://www.educacao-artistica.gov.pt/intervenções/mariogandra.pdf) Acedido em 16 de Novembro de 2010.
- Gardner, H. (1995) *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artemed.
- Giacometti, M & Lopes-Graça, F. (1981), *Cancioneiro Popular Português*. (1º ed). Lisboa: Circulo de Leitores.
- Guerra, M. (2002). *A escola que aprende*. Lisboa: Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico ASA.

- 
- Herman, J. (1983). *Les Langages de la sociologie*, Paris P.U.Q., col «Que sai-je?»
- [http://min-edu.pt/np3content/?newsId=4380&fileName=decreto\\_lei\\_6\\_2001.pdf](http://min-edu.pt/np3content/?newsId=4380&fileName=decreto_lei_6_2001.pdf), acedido em 2 de Junho de 2010.
- Ilari, B. (2003) A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical”, *ABEM*, vol. 9, Setembro, 7-16.
- Lopes-Graça, F. (1973). *A Música Portuguesa e os seus problemas II*. Lisboa: Edições Caminho.
- Lopes-Graça, F. (1973a). *A Música Portuguesa e os seus problemas III* Lisboa: Edições Cosmos.
- Lopes-Graça, F. (1989). *A Música Portuguesa e os seus problemas I* Lisboa: Edições Caminho.
- Lopes-Graça, F. (1991). *A canção popular portuguesa* (4ª ed). Lisboa: Caminho.
- Marques, R. & Roldão, M. (org.). (1999) *Reorganização e Gestão Curricular no Ensino Básico – Reflexão Participada*. Porto: Porto Editora.
- Martins, F. (2004). *Musical Taste and its Development: Analysis of the Audio Materials for a Music Education School Textbook in Portugal*. Unpublished MA Dissertation. University of Surrey Roehampton in Collaboration with Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.
- Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico Competências Essenciais*, Departamento da Educação Básica.
- Morais, A. & Neves, I. (2007). Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. *In Revista Portuguesa de Educação* (Vols. 20, nº 2). Braga; Universidade do Minho, pp. 75-104.
- Palheiros, G. (1993) *Educação Musical Ensino Preparatório – Uma avaliação do Currículo*, Lisboa, APEM, nº 116, 11-44.
- Patrício, M. (1993). *A Escola Cultural: Horizonte Decisivo da Reforma Educativa*. Lisboa: Texto Editora.

- 
- Paynter, J. (1995). Conceito de Música. Como a própria música nos mostra o que devemos fazer na Educação Musical, *APEM*, nº 106, Julho/Setembro, p. 4-8.
- Peery, I. & Draper, T. (1997). *Music and child development*. New York: Springer- Verlag.
- Portugal, L. (2004). *Ranchos Folclóricos e Bandas Filarmónicas – A voz e a alma de Portugal*. Lisboa: Roma Editora.
- Punch, K. (1998). *Introduction to Social Research: Quantitative & Qualitative Approaches*, London: Sage Publications.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.(1988). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª (ed). Lisboa: Gradiva.
- Sampieri, R. , Collado, C. & Lúcio, P. (2006). *Métodos de Pesquisa*. 3ª (ed). São Paulo: Mc Graw Hill.
- Santos, J. (1996). Educação Artística em Portugal; privilégio de alguns ou direito de todos?. *APEM*, Boletim 88, Janeiro Março.
- Sardo, S. (1988). O papel do Grupo Folclórico (federado) no contexto da Música Popular Portuguesa. *APEM*, nº 58, 58-59.
- Silva, A. (1994). *Tempos Cruzados*, Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, J. (1995). Associação Cultural da Juventude Povoense – O Associativismo no Concelho da Póvoa de Lanhoso. Póvoa de Lanhoso, Associação Cultural da Juventude Povoense.
- Sousa, A. (2003). Educação Pela Arte e Artes na Educação, Bases Psicopedagógicas. Iº Volume. Lisboa: Instituto Piaget, Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*, Lisboa: Livros Horizonte. Lda.
- Sousa, M. & Neto, F. (2003) *A educação intercultural através da música – Contributos para a redução do preconceito*, Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Torres, R. (1998). *As canções Tradicionais Portuguesas no Ensino da Música*. Lisboa: Caminho.
- Triviños, A. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

### **Legislação**

Decreto-Lei 344/90 de 2 de Novembro

Decreto-lei 6/2001, Cap.II Artº 9º

Decreto-Lei, nº 344/99, artº 3º de 2 de Novembro

Despacho nº 12591/2006 (2ª série),

Despacho nº 14460/2008

Parecer nº1/92. Ponto 16 – III – D.R. – 2º Série nº 223 de 26 de Setembro

Lei nº 46/86 de 14 de Outubro





# **ANEXOS**



**Anexo 1**  
**Questionário aos Alunos**



Tendo em vista a realização de um trabalho de investigação sobre Música Popular/Folclórica, no âmbito do mestrado em Educação Artística da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, agradeço a tua resposta ao presente questionário.

As tuas respostas serão submetidas a tratamento, mantendo-se o anonimato.  
Obrigado pela colaboração.

## A – Identificação

Nome: \_\_\_\_\_

Nacionalidade : \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Ano de escolaridade: \_\_\_\_\_

Área de Residência: Freguesia: \_\_\_\_\_

### A1– Se frequentas ou frequentaste um grupo de folclore completa os seguintes dados

Frequentei ou frequento o grupo

Menos de um ano  1 ano  2 anos  3 anos  4 ou mais anos

Como é que integraste o grupo?

Convite  Interesse próprio  Outra: \_\_\_\_\_

Quais as razões que te levaram a integrar o grupo?

---

---

---

As actividades realizadas foram ou são tema de conversa com os teus familiares e amigos?

Sim  Não

Porquê?

---

---

---

**A2 – Se nunca frequentaste um grupo de folclore completa os seguintes dados**

Gostavas de pertencer a um grupo de folclore?

Sim

Não

Porquê?

---

---

---

**B – Vivências musicais**

1 - Na tua freguesia existe algum grupo de folclore?

Sim

Não

Não sei

2 - Na tua família tens alguém que já tenha pertencido ou que pertença a um grupo de folclore?

Sim

Não

Se respondeste sim, quem? \_\_\_\_\_

3 - Gostas das canções folclóricas e populares da tua região?

Gosto Muito

Gosto

Gosto Pouco

Não Gosto

4 - Tens por hábito ouvir ou assistir a actuações de música popular portuguesa e/ou folclore?

Sim

Não

Se respondeste sim, onde? \_\_\_\_\_

5 - Consideras importante pertencer a um grupo de folclore?

Sim

Não

5.1 - Indica duas vantagens que um jovem pode ter ao frequentar um grupo de folclore.

---

---

---

5.2 Indica duas desvantagens que um jovem pode ter ao frequentar um grupo de folclore.

---

---

---

6 - Que género de música preferes? (Assinala com um X a resposta que considerares mais adequada)

Clássica

Folclórica

Popular

Pop/Rock

Outro: \_\_\_\_\_

7 - Enumera as razões que contribuíram para a tua escolha, sendo 1 a mais importante.

É mais alegre e ritmada

Soa melhor e vai de encontro aos meus gostos

Faz-me sentir bem

Faz-me perceber melhor a cultura do meu país

Outra: \_\_\_\_\_

8 - Nos anos lectivos anteriores, em Educação Musical abordaste a música folclórica e popular?

1 a 4 vezes

5 a 8 vezes

9 a 12 vezes

mais de 13 vezes

9 – Assinala três razões que consideres importantes para a abordagem da música popular e folclórica nas aulas de Educação Musical.

Tomar conhecimento do nosso património

Conhecer as danças e os trajes regionais

Identificar o papel da música nos diferentes contextos sociais

Entoar canções tradicionais

Manter vivas as tradições do povo

Outra: \_\_\_\_\_

10 - As actividades musicais a que tens acesso na aula de Educação Musical deveriam incidir mais sobre a música popular e folclórica?

Sim

Não

Porquê?

---

---

---

Obrigada pela tua colaboração!



## **Anexo 2**

**Guião da entrevista semi-estruturada feita aos docentes de Educação Musical da Escola E.B. 2,3 Professor Gonçalo Sampaio.**



Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado: Criação de um clima de confiança e abertura

**OBJECTIVOS:**

1 – Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado

2- Criar um clima de abertura e confiança tendo como finalidade uma boa interacção entre entrevistador e entrevistado.

- a) Informar sobre o tema e objectivos do estudo;
- b) Salientar o grau de importância que a colaboração do entrevistado tem para o estudo;
- c) Garantir o anonimato;
- d) Solicitar autorização para a gravação da entrevista;
- e) Promover um clima de abertura e confiança;

Caracterização pessoal e Profissional dos entrevistados.

**OBJECTIVOS:**

Recolher dados sobre: idade e género, habilitações, anos de docência; anos de docência no agrupamento e níveis de ensino que lecciona.

- f) a) Idade
- g) b) Habilitações
- h) c) Anos de Docência
- i) d) Anos de Docência no Agrupamento
- j) e) Nível de ensino que lecciona

**Categoria I** – Expectativas e opiniões dos entrevistados quanto ao currículo.

**OBJECTIVOS:**

Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente aos currículos actuais.

- a) Qual a sua opinião sobre a abordagem do folclore/música popular portuguesa no currículo de Educação Musical?
- b) Sugere alguma alteração para melhorar o currículo?
  - Que faria de diferente?
  - Como deveria estar organizado?

|  |
|--|
| <b>Categoria II – Opiniões dos entrevistados quanto à abordagem da música tradicional portuguesa/Folclore.</b>                             |
| <p><b>OBJECTIVOS:</b></p> <p>Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente à abordagem da música tradicional portuguesa/folclore.</p> |

- a) Relativamente à música tradicional portuguesa, acha pertinente a sua abordagem? Porquê?
- b) Como acha que deve ser feita essa abordagem?
- c) Com que frequência? (semanal, quinzenal, mensal, ... e número de horas)
- d) Segue o manual escolar ou recorre a outros materiais?
- e) Acha que os alunos estão sensíveis à abordagem da música tradicional portuguesa/folclórica?

|   |
|---|
| <b>Categoria III – Opiniões dos entrevistados quanto à planificação das aulas</b>   |
| <p><b>OBJECTIVOS:</b></p> <p>Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente à forma como é feita a planificação das aulas e a abordagem de conteúdos.</p> |

- a) Na planificação das suas aulas tem presente os gostos musicais dos alunos?
- b) Como faz a motivação dos alunos ao introduzir uma actividade nova?
- c) Em sua opinião, quais os géneros musicais de maior interesse para os alunos?
- d) Que estratégias utiliza para abordar os géneros musicais que vão menos de encontro aos gostos dos alunos?

**Categoria IV – Opiniões dos entrevistados quanto à frequência de grupos de folclore por parte dos alunos e implicações educativas**

**OBJECTIVOS:**

Conhecer a opinião dos entrevistados relativamente à frequência de grupos de folclore por parte dos alunos e implicações educativas.

- a) Sendo o Concelho da Póvoa de Lanhoso bastante rico ao nível de grupos de folclore, será que o conhecimento musical, coreográfico e vocal que transmitem aos alunos será suficiente?
- b) Podemos considerá-lo uma mais valia?
- c) Poderá influenciar os gostos musicais dos alunos?
- d) Que implicações educativas poderá ter a frequência de um grupo de folclore?
- e) Na sua opinião quais as principais funções e finalidades dos grupos de folclore?

**Categoria V – Implicações da abordagem da música popular/folclórica na vida social e cultural dos alunos**

**OBJECTIVOS:**

Perceber a opinião dos entrevistados relativamente a implicações na vida social e cultural dos alunos

- a) Que implicações poderá ter a abordagem da música popular portuguesa na vida social e cultural dos alunos?
- b) De uma forma inconsciente julga que pode influenciar os alunos na escolha dos gostos musicais?

**Categoria VI – Hábitos de audição dos docentes**

**OBJECTIVOS:**

Perceber quais os hábitos de audição dos entrevistados.

- a) Tem por hábito ouvir música tradicional portuguesa?
- b) Em que contexto?
- c) Com que frequência?
- d) Como?
- e) Onde?

|                                  |
|----------------------------------|
| <b>Categoria VII – Sugestões</b> |
|----------------------------------|

|                   |
|-------------------|
| <b>OBJECTIVOS</b> |
|-------------------|

|   |
|---|
| Recolher sugestões pertinentes para o estudo. |
|---|

- a) Dada a sua experiência Profissional, gostaria de acrescentar alguma informação que considere pertinente para este estudo?

Obrigada pela colaboração

**Anexo 3**

**Documento de Pedido de Autorização aos  
Encarregados de Educação**







## Agrupamento de Escolas Gonçalo Sampaio

O Agrupamento de Escolas Professor Gonçalo Sampaio vem por este meio solicitar a V. Ex.<sup>a</sup> autorização para a participação do seu educando em trabalhos de investigação académica, através do preenchimento de questionários que possam ser solicitados ao Agrupamento.

A confidencialidade da informação assim como o anonimato dos participantes será mantida.

Qualquer inquérito solicitado ao Agrupamento será previamente analisado pela Directora.

---

Eu, \_\_\_\_\_,  
Encarregado de Educação do aluno  
\_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_ do \_\_\_\_, turma \_\_\_\_,  
**Autorizo/ Não Autorizo** (riscar o que não interessa) a participação do meu  
educando em trabalhos de investigação académica, através do preenchimento de  
questionários.

Póvoa de Lanhoso, \_\_\_\_\_

Assinatura do Encarregado de Educação

---